

Littera

REVISTA DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS

**PERSPECTIVAS EM ANÁLISE DO DISCURSO:
múltiplos objetos**

Organizadores

**Luís Rodolfo Cabral
Silma Ramos Coimbra Mendes**

Littera Online

PPGLetras | UFMA | v. 13 | n.º 25 | 2022 | ISSN 2177-8868

Programa de Pós-Graduação em Letras | Universidade Federal do Maranhão

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO REITOR

Prof. Dr. Natalino Salgado Filho

DIRETOR DO CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS

Prof. Dr. Luciano da Silva Façanha

COORDENADOR DO CURSO DE LETRAS

Prof. Dr. José Dino Costa Cavalcante

COORDENADOR DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Prof.^a Dr.^a Ana Lúcia Rocha Silva

EQUIPE EDITORIAL

Editora Científica: Prof.^a Dr.^a Maria Aracy Bonfim (UFMA)

Assistentes de Edição: Andiará Costa Lima de Souza, Natália Leitão Barros da Silva e
Vitória Regina de Alencar Araújo

Organizadores do Volume

Prof. Dr. Luís Rodolfo Cabral (UFMA) e Prof.^a Dr.^a Silma Ramos Coimbra (PUC-SP)

Comissão Editorial e Pareceristas deste número

Prof. Dr. Carlos Alberto Baptista (UFSCar)

Prof.^a Dr.^a Ilza do Socorro Galvão Cutrim (UFMA)

Prof.^a Me. Jackelin Wetheimer (UFSCar)

Prof.^a Dr.^a Juliana Campos Lôbo (ESEV-Instituto Politécnico de Viseu)

Prof.^a Me. Liana Mafra (UFMA)

Prof.^a Dr.^a Maria Aracy Bonfim (UFMA)

Prof.^a Dr.^a Mônica da Silva Cruz (UFMA)

Prof.^a Me. Renata Lamberti Spagnuolo (PUCSP)

Prof. Dr. Ricardo Ferreira Santos (IFSP)

Prof.^a Me. Tamires Dartora (PUCSP)

Ficha técnica

ISSN: 2177-8868

Periodicidade: semestral v. 13, n.º 25 – 2022

LITTERA ONLINE – ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS

Departamento de Letras

Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado Profissional
Universidade Federal do Maranhão – Centro de Ciências Humanas

Avenida dos Portugueses, s/n, Campus do Bacanga

CEP: 65085-580 São Luís – MA

Endereço para correspondência:

Revista Littera a/c Maria Aracy Bonfim

E-mail: litteraonlineufma@gmail.com

LITTERA ONLINE é uma publicação acadêmica do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Maranhão, e está sob licença Creative Commons Atribuição – Uso não-comercial – NoDerivative Works 3.0 Brasil.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta revista poderá ser reproduzida, seja por quais forem os meios empregados, sem permissão por escrito da Comissão Editorial. Os conceitos emitidos em artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

Luís Rodolfo Cabral e Silma Ramos Coimbra Mendes 04

A CONSTRUÇÃO DO *PATHOS* E DO *ETHOS* NO GÊNERO NOTÍCIA: “Sargento preso com cocaína em avião da FAB vivia no DF e ganhava salário de R\$ 7 mil”

Analdo Pereira da Silva e Girlane Cardoso da Silva 06

UMA ANÁLISE DISCURSIVA SOBRE A LIDERANÇA FEMININA NA IGREJA ASSEMBLEIA DE DEUS DO RECIFE

Dalexon Sérgio da Silva e Rejane Maria da Silva 21

O ESTUDO DAS TIRINHAS EM LÍNGUA ESPANHOLA DO ENEM A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA ENUNCIATIVA DA LINGUAGEM

Cleria Lourdes Moreira Pereira e Heloísa Reis Curvelo 40

O QUE AS CENOGRAFIAS (AINDA) NOS DIZEM SOBRE O NEGRO E SUA RELAÇÃO COM O TRABALHO?

Ana Lourdes Queiroz da Silva 57

APRESENTAÇÃO

Esta edição de Littera foi organizada em torno da temática "PERSPECTIVAS EM ANÁLISE DO DISCURSO: múltiplos objetos", com o objetivo de refletir sobre questões contemporâneas, à luz das discursividades. Para tanto, oferece ao leitor um panorama multifacetado de abordagens e perspectivas a partir das quais o fenômeno discursivo pode ser apreendido. A fim de que o leitor possa ter uma ideia geral do conteúdo deste número, apresentamos resumidamente os artigos que o compõem.

No texto "*A construção do pathos e do ethos no gênero notícia*", de Girlane da Silva e Anaildo da Silva, os autores recorrem às duas noções (Amossy, 2005) para explicar a organização discursiva de um texto extraído de um portal de notícias. Por meio da análise de alguns de seus enunciados, ambas as categorias convocadas deixam entrever o quanto o sujeito social diz de si, mesmo sem enunciar uma palavra sobre si mesmo.

A perspectiva de Pêcheux é mobilizada no artigo "*Uma análise discursiva sobre a liderança feminina na igreja Assembleia de Deus do Recife*", de Dalexon da Silva e Rejane Maria da Silva, com o objetivo de observar os efeitos de sentido produzidos na posição-sujeito, assim como de identificar a presença de outros discursos, sua interdiscursividade, no lugar ocupado por essa liderança.

O texto de Cleria Pereira e Heloísa Curvelo, intitulado "*O estudo das tirinhas em língua espanhola do ENEM a partir de uma perspectiva enunciativa da linguagem*" busca enfatizar a importância da relação *eu* e *tu* sustentada na Teoria da Enunciação, relacionando-a à construção de uma imagem de si, centro da análise linguística, conforme preconizada por Benveniste. As autoras a ela recorrem, por meio da análise de um *corpus* constituído por três tirinhas do quadrinista argentino Nik.

Já a Análise do Discurso de linha francesa é contemplada no artigo de Ana Lourdes Queiroz da Silva, intitulado "*O que as cenografias (ainda) nos dizem sobre o negro e sua relação com o trabalho?*". Nele, a autora se propõe a refletir, por meio da análise da cenografia

de uma propaganda, sobre a constituição dos processos identitários do negro inscritos na relação com o trabalho. Para tanto, articula os quadros teórico-metodológicos propostos por Maingueneau e Paveau, considerando seus efeitos no interdiscurso e na produção de cenografias e pré-discursos, a fim de estender o funcionamento discursivo dessas noções ao campo publicitário.

O artigo "Iconoforização: um conceito para a destacabilidade em Análise do Discurso" é de divulgação de uma tese e tem por objetivo apresentar o conceito de iconoforização, desenvolvido a partir da análise de capas de revistas semanais de informação. A particularidade da iconoforização é a de que o destacamento por ela abarcado ocorre tanto na materialidade verbal quanto na materialidade não verbal para constituir um único iconotexto. A contribuição pretendida é oferecer à Análise do Discurso de linha francesa um conceito que, do ponto de vista teórico-metodológico, possa ser proveitoso para o tratamento de capas de revista semanais de informação, em que o verbal e o não verbal são indissociáveis.

Por fim, é importante lembrar que os objetos de estudo dos artigos contidos neste número refletem apenas uma ínfima parcela do universo de interesse das pesquisas em Análise do Discurso, seja qual for a abordagem adotada. O leitor, portanto, deve estar atento às múltiplas possibilidades inscritas no interior do vasto campo discursivo e permitir-se ser instigado por elas.

São Luís, setembro de 2022

Luís Rodolfo Cabral

Silma Ramos Coimbra Mendes

Organizadores

A CONSTRUÇÃO DO *PATHOS* E DO *ETHOS* NO GÊNERO NOTÍCIA: “Sargento preso com cocaína em avião da FAB¹ vivia no DF² e ganhava salário de R\$ 7 mil”

THE CONSTRUCTION OF PATHOS AND ETHOS IN NEWS GENRE: “Sergeant arrested with cocaine on an FAB plane lived in FD and earned a salary of R\$ 7,000”

Girlane Cardoso da Silva³

Anaildo Pereira da Silva⁴

Resumo: O presente artigo tem por objetivo analisar o *pathos* e o *ethos* em uma notícia retirada do portal de notícias G1. Para alcançá-lo, partiremos da perspectiva da análise textual de Amossy na obra *Imagens de Si no Discurso* (2011). Para isso, inclui-se a organização e análise de categorias como: tipo de sujeito para a tomada de posição; procedimento de enunciação; visada argumentativa no uso de afetivos que indique a posição do enunciador/locutor; sentimentos dominantes; escolhas lexicais (termos agressivos, etc.); figuras relevantes (analogia; metáfora; modalizadores). Os resultados apontam que o *ethos* apresentado pelo locutor G1.globo.com, no geral, é o de imparcialidade, seriedade e credibilidade, além de revelar um veículo de denúncia.

Palavras-chave: *Pathos. Ethos.* Categorias linguístico-discursivas.

Abstract: *This article aims to analyze the pathos and ethos in a news story taken from the G1 news portal. To achieve it, we will start from the perspective of Amossy's textual analysis in the work Imagens de Si no Discurso (2011). This includes the organization and analysis of categories such as: type of subject for position taking; enunciation procedure; argumentative aim at the use of affective ones that indicate the position of the enunciator/announcer; dominant feelings; lexical choices (aggressive terms, etc.); relevant figures (analogy; metaphor; modals). The results point out that the ethos presented by the announcer G1.globo.com, in general, is that of impartiality, seriousness and credibility, besides revealing a vehicle of denunciation.*

¹ Força Aérea Brasileira

² Distrito Federal

³ Mestre em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, Campus São Leopoldo-PPGLA. Endereço de correspondência: Avenida Luis Barros Elouf, 208, Bairro Aeroporto, Santa Inês-MA, CEP: 65302-040E-mail: gislaynnesilva@hotmail.com .ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4977-087X>.

⁴ Mestre em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, Campus Bacabal – PPGLB. Endereço de correspondência: Rua Santa Lúcia, S/N, Bairro Birolândia, Gov. Newton Bello – MA, CEP: 65363-0000E-mail: profanaildo@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3104-8635>.

Key-words: *Pathos. Ethos. Linguistic-discursive categories.*

INTRODUÇÃO

Pode-se dizer que, há não muito tempo a disseminação de informações era bastante limitada, ou seja, éramos praticamente dependentes dos meios de comunicação de massa para que pudéssemos tomar conhecimento do que estava acontecendo. O advento da globalização na década de 1990 e, conseqüentemente, a difusão da *internet* por todas as classes sociais, nos anos que se seguiram, geraram novas possibilidades de comunicação entre as pessoas/usuários.

Além disso, especialmente com a chegada da chamada web 2.0 e de suas ferramentas, a internet contribuiu para as relações sociais e cooperou para a disseminação da ciência. Nesse sentido, desenvolveu-se um tecnossistema⁵ que permeia a forma como a população expressa suas emoções e seus pontos de vista.

Por meio da web 2.0, foi possível divulgar informações *online* com rapidez. Conforme Alexandre (2006), o grande legado dessa geração desenvolve-se nos moldes das informações que chegam para todos proporcionando os seguintes benefícios: interfaces ricas e fáceis de usar, gratuidade na maioria dos sistemas disponibilizados e a percepção nas mudanças de informações que ocorrem quase instantaneamente. Assim, a web 2.0 possibilita que os usuários ultrapassem as barreiras digitais, pois essa tecnologia termina com o armazenamento físico de dados. Por meio dessa ferramenta, as comunicações *online* são expostas de maneira pública ampliando as informações.

Seguindo essa miríade de informações que podemos acessar todos os dias em milésimos de segundo, milhões de usuários deixam suas impressões sobre algum fato por intermédio da rede mundial de computadores.

Ocorre que na *internet*, solicita-se que os usuários participem dessa dinâmica de maneira específica, que não pode ser ignorada. Trata-se dos "tecnomorfemas" (PAVEAU, 2013), ou seja, das ferramentas da tecnologia discursiva disponível em plataformas digitais, por exemplo a *hashtag*, o botão de compartilhamento e outros traços linguageiros como o botão

⁵ Entende-se nesse contexto "tecnossistema", em conformidade com Paveau (2017), como um ecossistema do meio digital.

para pedir/aceitar amizade no *Facebook* ou *Instagram*. Além destes, existem outros tecnomofemas como o *link* e o *hiperlink* capazes de levar o usuário a outros discursos. Assim, o compartilhamento de notícias no ambiente digital se tornou o meio mais eficaz para obter conhecimento e por conseguinte a propagação de informações nas redes sociais geradas por meio das tecnologias.

Conforme Paveau (2013), pode-se afirmar que, a partir dessas ferramentas tecnodiscursivas, as relações no ambiente social e digital iniciam uma construção linguística virtual do discurso entre leitores e usuários.

Em contrapartida, os inúmeros dados difundidos em ambiente digital têm afetado a forma como as emoções são expressas e como as notícias que chegam são analisadas pelos interlocutores. No caso dos discursos do campo midiático, esse efeito pode ser potencializado e, em se tratando de notícias, elas podem ter o poder de persuadir os leitores, pois o discurso bem arquitetado tem como papel suscitar a criticidade do leitor através da interação locutor/interlocutor.

Partindo dessas concepções sobre o discurso no âmbito digital, este artigo propõe analisar a notícia intitulada *Sargento preso com cocaína em avião da FAB vivia no DF e ganhava salário de sete mil reais*, publicada no portal de notícias G1, em julho de 2019. Esse fato noticioso repercutiu mundialmente em razão da instabilidade política que o Brasil vem enfrentando nos últimos anos. Sustentados na Análise do Discurso de linha francesa, o objetivo, com a análise da notícia, é de explicitar as reações provocadas por ela nos interlocutores e, para isso, mobilizamos as noções de *pathos* e *ethos*.

Assim, considerando o objeto de análise, fundamentou-se o presente trabalho nos estudos de Amossy (2018) no que concerne ao estudo do *ethos* e argumentação. De forma introdutória, recorreu-se ao trabalho de Paveau (2013) no que tange o estudo das ferramentas tecnodiscursivas. O objeto de análise deste trabalho, trata-se da notícia “Sargento preso com cocaína em avião da FAB vivia no DF e ganhava salário de R\$7 mil”, veiculada no portal de notícias G1.globo.com. No que concerne aos procedimentos metodológicos, utilizou-se o método qualitativo e da pesquisa bibliográfica. Quanto ao tratamento do *corpus*, optamos por transcrevê-lo e enumerá-lo de forma que se desse maior viabilidade em seu manuseio no processo de análise.

No que se refere à organização, este trabalho está estruturado da seguinte forma: inicialmente tem-se a introdução que traz uma contextualização do tema em estudo; em seguida, tópico 1, elencou-se um breve aporte teórico sobre *ethos* e argumentação; o tópico 2, foi destinado aos procedimentos metodológicos utilizados; já o tópico 3, foi dedicado à análise do *corpus* e, por fim, as considerações finais.

APONTAMENTOS SOBRE O *ETHOS* E ARGUMENTAÇÃO

Na retórica clássica, entendia-se que o locutor agia de forma monitorada ao manusear a arte da linguagem para interferir intencionalmente na realidade e exercer uma influência sobre o outro. Mais recentemente, a partir de noções da retórica, Amossy (2018) propõe, para a Análise do Discurso, considerar que o sentimento tem suas razões. Isso significa dizer que as emoções não vão de encontro à racionalização e à reflexão, pois a razão e a paixão não são dissociáveis.

Vale ressaltar que a autora se ampara nos recursos da pragmática para compreender a intenção do ato ilocutório dentro do *corpus* de estudo. Nessa concepção de inferência analítica, a averiguação do *pathos* na argumentação retórica está, para Amossy (2018), em volta da argumentação, pois, por essa linha, a linguagem está centrada nas paixões. Além disso, o *pathos* está relacionado à emoção do interlocutor, tendo papel expressivo no discurso midiático digital.

Assumindo a abordagem de construção patêmica na fala argumentativa, é necessário que se leve em conta a emoção suscitada no auditório, e não pode ser confundida com o que é sentido ou expresso pelo sujeito falante. Além do mais, as emoções não são apenas um simples conjunto de crenças, pontos de vista e intenções que dividem um mesmo grupo.

Tendo como suporte a ideia de que os indivíduos podem tocar, manifestar, discutir, polemizar e negociar suas posições, Amossy (2018) utiliza algumas categorias para analisar argumentos no enunciado. Para a autora, existe um ambiente apaziguador intitulado *doxa*, ou seja, um espaço que não é alienador das ideias, mas que permite ao homem pensá-las e negociá-las. É nesse cenário que se insere o ideal de argumentação retórica, que transcende os valores decisivos da interação entre o locutor e o real, influenciando sobre o outro.

A fim de elucidar o estudo do *pathos*, tanto em uma conjuntura face a face quanto no campo digital, Amossy (2018, p. 171) defende que “as interações pelo computador são um lugar de livre curso de uma violência desenfreada e perigosa”. Assim, é importante salientar que o contexto digital vem se firmando como “porta-voz” da multidão, quanto às figuras relativas ao *logos*, *pathos* e *ethos*.

As redes sociais e os materiais que circulam na internet ilustram o quanto as emoções pessoais, o *pathos* do enunciador, revelam-se com a manifestação de sentimentos. Dessa forma, a argumentação apresentada pelas pessoas/usuários no ambiente digital revela suas palavras de “razão”, ou seja, a mudança de argumentos.

Para Amossy (2018), alguns lexemas implicam um julgamento de valor, isto é, têm um valor axiológico que confere ao enunciado uma orientação argumentativa. É assim, por exemplo, que os itens “invasão” e “ocupação”, utilizados para se referir à ação de permanência em propriedades de terceiros, denotam julgamentos de valor diferentes.

METODOLOGIA

No presente trabalho, fazemos uso da pesquisa bibliográfica como aparato capaz de embasar a temática do estudo proposto, bem como adotamos o método qualitativo, uma vez que se busca no estudo do *corpus* realizar uma análise do *pathos* e do *ethos* dos interlocutores do discurso em estudo. O *corpus* é constituído pela notícia “Sargento preso com cocaína em avião da FAB vivia no DF e ganhava salário de R\$ 7 mil” publicada pelo portal de notícias G1.globo.com em julho de 2019.

No processo de tratamento do *corpus*, optou-se por realizar a transcrição da notícia e colocá-la em um quadro. Ademais, buscou-se enumerar as linhas, visando, pois, com este procedimento facilitar o processo de referência durante as análises, bem como auxiliar o leitor na retomada durante a leitura deste trabalho.

No que concerne às análises da notícia, conduzimo-la a partir dos itens lexicais (verbos, substantivos e adjetivos) observando seus valores axiológicos como ilustrado na figura abaixo.

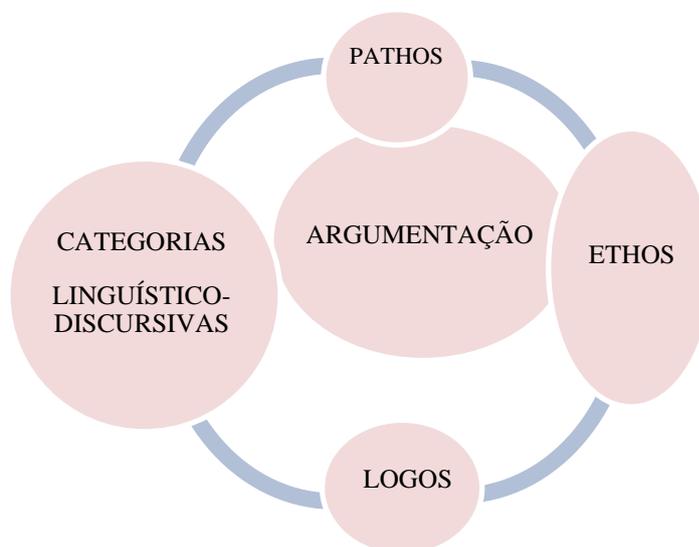


Figura 1: Componentes para análise argumentativa

Fonte: Elaborada pelos autores (2022).

Quanto ao caminho metodológico para esta análise, levaremos em conta as seguintes categorias, conforme estabelecido por Amossy (2011):

Quadro 1: Instrumentos linguísticos e pragmáticos para análise argumentativa

✓ Tipo de sujeito para a tomada de posição: procedimento de enunciação;
✓ Uso de axiológicos e de afetivos e das asserções fortemente direcionadas;
✓ Sentimentos dominantes;
✓ Tipo de construção: evocações diretas ou indiretas;
✓ Vocábulos desvalorizantes e julgamentos depreciativos;
✓ Qualificação dos responsáveis;
✓ Escolhas lexicais (termos agressivos, etc.);
✓ Ecos intertextuais (alusões);
✓ Figuras relevantes (analogia; metáforas; modalizações);

✓ Presença de entimemas (implícitos).

Fonte: Elaborada pelos autores, baseada em Amossy (2011).

Análise da notícia “Sargento preso com cocaína em avião da FAB vivia no DF e ganhava salário de R\$ 7 mil”.

Antes de iniciarmos a análise, transcrevemos a notícia a ser analisada, com as linhas enumeradas para facilitar a localização dos trechos.

Quadro 2: Transcrição da notícia

1	Sargento preso com cocaína em avião da FAB vivia no DF e ganhava salário de R\$ 7 mil.
2	mil.
3	Manoel Silva Rodrigues foi detido na Espanha com 39 quilos da droga. Militar da
4	aeronáutica morava em Taguatinga e estava em comitiva de apoio ao presidente Jair
5	Bolsonaro.
6	O segundo sargento da Aeronáutica Manoel Silva Rodrigues, de 38 anos, – preso no
7	aeroporto da Espanha por transportar 39 quilos de cocaína na bagagem – tinha uma vida
8	modesta e morava há 21 anos no Distrito Federal.
9	Natural do Tocantins, o militar foi detido em 25 de junho, na cidade de Sevilha, ao
10	desembarcar do avião da Força Aérea Brasileira (FAB). Ele fazia parte da comitiva do
11	presidente Jair Bolsonaro ao Comitê do G20 no Japão.
12	Morador de Taguatinga, região a quase 30 quilômetros de Brasília, Rodrigues comprou um
13	apartamento em um condomínio do DF em 2017. O imóvel é avaliado em R\$ 180 mil. O
14	sargento também tem uma moto e um carro registrados em nome dele.
15	Sargento que levou cocaína em voo da FAB pode pegar 15 anos de prisão na Espanha.
16	No Portal da Transparência da Controladoria-Geral da União, o militar aparece como
17	vinculado ao Comando da Aeronáutica, com salário de R\$ 7,2 mil.
18	Agora, preso, ele aguarda julgamento em uma penitenciária espanhola. A reportagem não
19	localizou a defesa do sargento.
20	Vida investigada
21	O sargento Rodrigues teve a vida investigada pela Inteligência brasileira antes de entrar
22	para o Grupo de Transporte Especial da FAB, em 2010.
23	Ele se mudou para Brasília em 1998. Em 2000, começou a trajetória na Aeronáutica.
24	Quatro anos depois, Rodrigues prestou o concurso da FAB para taifeiro – profissional
25	dedicado ao serviço de copa, mesa e camarotes oficiais. O militar foi aprovado em 6º
26	lugar.
27	No ano seguinte, em 2005, fez o curso de formação de comissário de bordo.
28	Repercussão

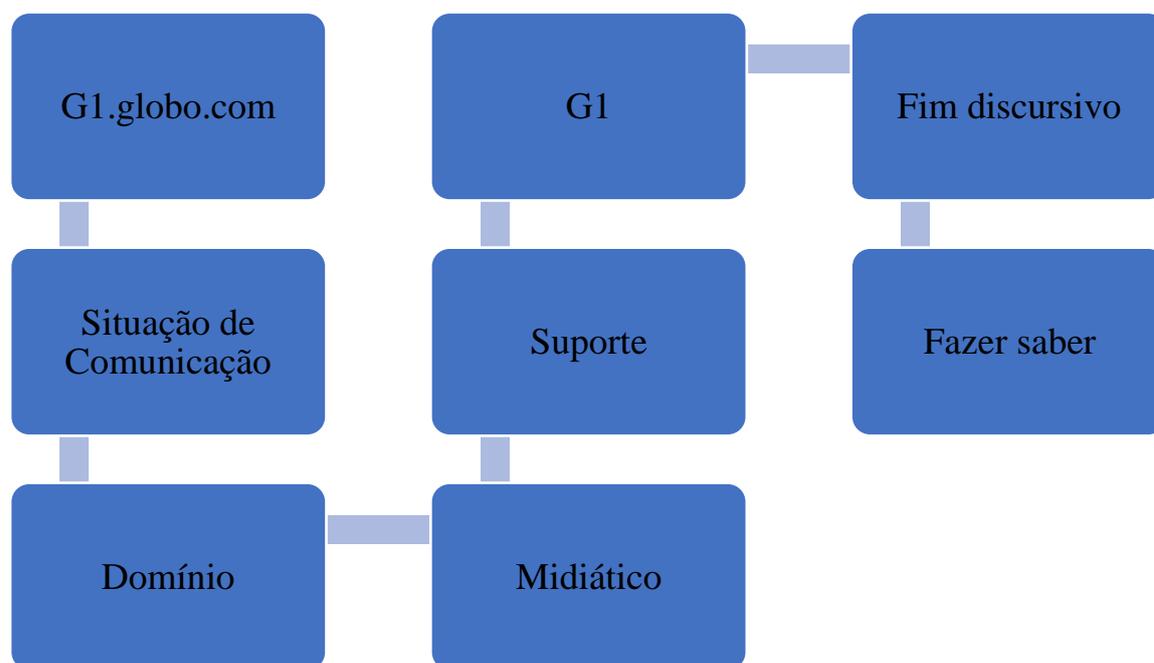
29	Ao comentar a prisão do militar suspeito, o vice-presidente da República, Hamilton
30	Mourão (PRTB), disse que o sargento "serviu de mula qualificada para o tráfico".
	"É óbvio que, pela quantidade de droga que o cara estava levando, ele não comprou na
	esquina e levou, né. Ele tava trabalhando como mula, uma mula qualificada, vamos colocar
31	assim."
32	Já o presidente Jair Bolsonaro (PSL) pediu punição exemplar. Ele voltou a dizer
33	que lamentava o fato da prisão não ser na Indonésia – país que adota a pena de morte para
34	traficantes de drogas.
35	"Jogou fora a vida dele, jogou na lama o nome de instituições, prejudicou o Brasil também
36	um pouco, mas acontece em qualquer lugar do mundo, em (oração coordenada adversativa
37	de conformismo) qualquer instituição", disse o presidente. "Lamento todo o ocorrido. Meu
38	grande lamento é que não foi na Indonésia. Seria um grande (... o quê), mais um exemplo,
39	não basta o [Marco Antônio] Archer no passado, seria mais um exemplo agora. Mas tudo
40	bem, segue a vida".
41	Durante a fala, Bolsonaro se referiu a Marco Antônio Archer, executado na Indonésia
42	depois de ser flagrado com cocaína.
43	Agora, o inquérito policial militar aberto pela Aeronáutica investiga se esta foi a primeira
44	vez que Rodrigues transportou drogas usando um avião da FAB ou se mais algum militar
45	o ajudou nessa tarefa.
46	
47	

Fonte: G1.globo.com (2019).

O gênero discursivo notícia materializa o discurso de um famoso portal midiático brasileiro mantido pela Central Globo de Jornalismo, G1.com. Reiterando o que foi exposto na metodologia, o texto que compõe o *corpus* deste trabalho trata-se de uma notícia publicada em 01 de julho de 2019, com o título “Sargento preso com cocaína em avião da FAB vivia no DF e ganhava salário de R\$ 7 mil” (G1.globo.com, 2019).

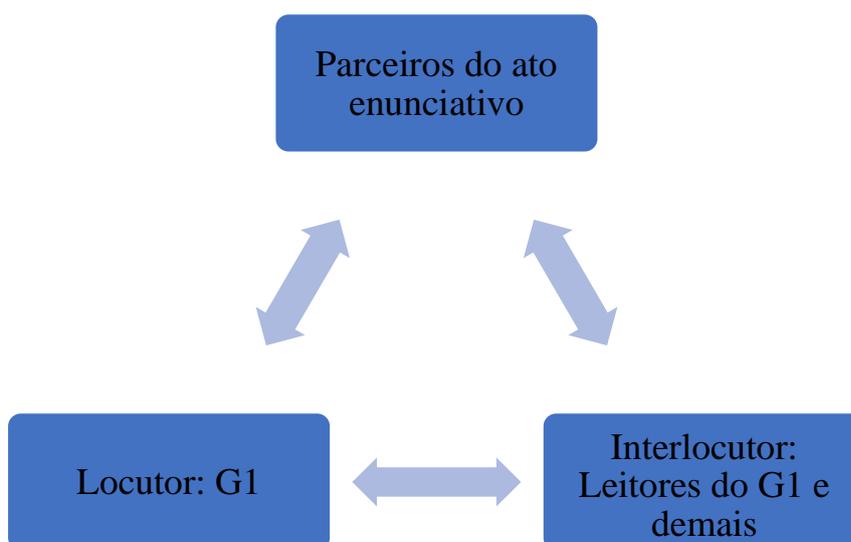
No que se refere às condições de produção de discurso, pode-se dizer que o texto é o elo da interação entre parceiros do ato enunciativo, sendo o locutor (o site G1.globo.com) e os interlocutores (leitores do texto) inscritos numa produção do domínio midiático, cuja finalidade discursiva é fazer o interlocutor tomar conhecimento de determinado acontecimento. O suporte é o site G1. Nas figuras 2 e 3, abaixo, organiza-se visualmente essas informações.

Figura 2: Organização das informações: Sargento preso com cocaína em avião da FAB vivia no DF e ganhava salário de R\$ 7 mil.



Fonte: Elaborada pelos autores (2022).

Figura 3: Gênero discursivo: notícia. Parceiros do ato enunciativo



Fonte: Elaborada pelos autores (2022).

Em relação ao procedimento de enunciação da notícia, pode-se observar o uso do delocutivo, uma vez que o locutor não assume a responsabilidade sobre o seu dito e o fim discursivo do texto consiste em um “fazer saber” que o sargento não é inocente. A seguir, na próxima página, apresenta-se o quadro 3 que expõe o uso dos axiológicos dentro da notícia (texto).

Quadro 3 – Os axiológicos

O uso dos axiológicos e de afetivos e das asserções fortemente direcionadas	
	<p>Sargento preso com cocaína em avião da FAB vivia no DF e ganhava salário de R\$ 7 mil.</p> <p>Manoel Silva Rodrigues foi detido na Espanha com 39 quilos da droga. Militar da aeronáutica morava em Taguatinga e estava em comitiva de apoio ao presidente Jair Bolsonaro.</p> <p>O segundo sargento da Aeronáutica Manoel Silva Rodrigues, de 38 anos, — preso no aeroporto da Espanha por transportar 39 quilos de cocaína na bagagem — tinha uma vida modesta e morava há 21 anos no Distrito Federal.</p>

Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

Percebe-se que o uso de vocábulos axiológicos negativos nas linhas (1 e 2), constroem a imagem desfavorável do “Sargento”. O verbo “preso” estabelece uma asserção fortemente direcionada à qualificação do responsável por uma contravenção, que “foi detido na Espanha com 39 quilos de droga”. Nas linhas (3), (4) e (5), identifica-se uma orientação argumentativa de valorização pelo uso de elementos designativos que se referem a um lugar social de prestígio: “Militar da aeronáutica”, “estava em comitiva de apoio ao presidente Jair Bolsonaro”, que ele, o sargento, não fazia isso para ganhar dinheiro.

É importante mostrar ainda na linha (7) um recurso morfossintático quanto ao uso do termo “transportar”, verbo que abranda o comportamento do Sargento, pois “transportar” é o ato de levar, o que mudaria talvez a dedução do leitor caso fosse usado o verbo “traficar” o que tornaria mais pejorativo visto que “traficar” tipifica um crime.

Quadro 4 – Os axiológicos

O uso dos axiológicos e de afetivos e das asserções fortemente direcionadas	
9 10	Natural do Tocantins , o militar foi detido em 25 de junho, na cidade de Sevilha, ao desembarcar do avião da Força Aérea Brasileira (FAB).
Sentimentos Dominantes	
12 13 14	Morador de Taguatinga, região a quase 30 quilômetros de Brasília, Rodrigues comprou um apartamento em um condomínio do DF em 2017. O imóvel é avaliado em R\$ 180 mil. O sargento também tem uma moto e um carro registrados em nome dele.

Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

Tendo sido analisados os lexemas com valor axiológico do quadro 3, prossegue-se com a análise das inserções do quadro 4. Os enunciados da linha (9) “Natural do Tocantins” e da linha (12) “Morador de Taguatinga” evocam lugares de origem do sujeito, traçando um perfil da naturalidade do militar preso com o entorpecente. As referências aos bens, especificados nas linhas (13) e (14) — carro, moto e casa — e mais detalhadamente o valor do imóvel adquirido, constroem, em um nível além da estrutura das frases, um encadeamento argumentativo favorável de que o patrimônio do sargento é compatível ao salário de 7 (sete) mil reais.

Vale ressaltar que o uso de vocábulos desvalorizantes aparecem na voz de terceiros, evocados pela matéria para comentar o caso, como se observa nas linhas (30) e (31), em que o uso do verbo factivo “servir” corrobora a afirmação do vice-presidente da República, Hamilton Mourão. Ainda na linha (30), lê-se “mula qualificada para o tráfico”, na qual o sintagma “mula” tem, nesse contexto, um sentido pejorativo. Já na linha (34) quando o presidente Jair Bolsonaro pede “punição”, têm-se duas interpretações: de um lado, é “desvalorizante” para o Sargento porque sinaliza que o presidente reconhece que um crime foi cometido, e de outro, valorizante para o presidente, que pune, exemplarmente, membro da sua equipe.

Pode-se perceber também que ao longo do texto o jornal (G1) constrói o referente valorizante traçando um histórico extremamente positivo do Sargento, o qual pode ser observado no excerto abaixo das linhas (21-27).

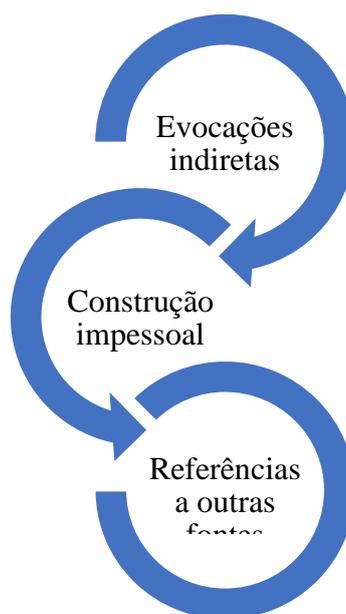
Quadro 5: Referente valorizante

1	O sargento Rodrigues teve a vida investigada pela Inteligência brasileira antes de entrar para o Grupo de Transporte Especial da FAB, em 2010.
2	Ele se mudou para Brasília em 1998. Em 2000, começou a trajetória na Aeronáutica. Quatro anos depois, Rodrigues prestou o concurso da FAB para taifeiro – profissional dedicado ao serviço de copa, mesa e camarotes oficiais. O militar foi
3	aprovado em 6º lugar.
4	No ano seguinte, em 2005, fez o curso de formação de comissário de bordo.
5	
6	
7	

Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

Assim, na figura 4, abaixo, expõe-se os tipos de construções argumentativas utilizadas pelo G1.

Figura 4: Tipos de construções



Fonte: Elaborada pelos autores (2022).

A figura acima é uma representação da estratégia argumentativa utilizada no texto. Percebe-se que em grande parte do texto, o locutor (G1) utiliza períodos coordenados, deixando a orientação argumentativa em um nível mais complexo em relação ao uso de períodos subordinados. Pode-se, ainda, observar certa sutileza depreendida em determinadas construções, como na da linha (15) em que se diz que “Sargento que levou cocaína em voo da FAB pode pegar 15 anos de prisão na Espanha⁶”. O locutor não faz referência direta a um crime, não faz ouvir nenhuma autoridade policial, nem brasileira, nem internacional.

Vê-se que ao longo do texto, o locutor (G1) nunca trata ou se refere ao Sargento como criminoso: trata-se de um sujeito que “transporta”, que tem uma carreira de sucesso em concursos públicos, que tem residência fixa, e, aparentemente, patrimônio compatível com a renda mensal.

A sutileza começa a ganhar outros contornos à medida em que outras vozes vão sendo mobilizadas no texto. Na linha (16), o locutor do texto faz referência ao órgão público “Portal da Transparência da Controladoria-Geral da União” para comprovar a renda mensal do Sargento. Este órgão público é um canal pelo qual o cidadão pode acompanhar a utilização dos recursos federais arrecadados com impostos além de inteirar a população a respeito dos salários e gratificações dos servidores do Governo Federal. Em (18), o locutor do texto faz uso do dêitico de tempo “agora”, e do verbo em tempo presente “aguarda” para marcar a situação atual do Sargento. Pode-se afirmar que ele não está em território brasileiro uma vez que esta marcação de espaço pode ser depreendida pelo sintagma nominal “penitenciária espanhola”.

Nas linhas (30-31), que corresponde à fala do vice-presidente da República, Hamilton Mourão, observa-se uma estrutura modalizante assertiva “é óbvio que”, o que leva o leitor a pensar que não há dúvidas de que o Sargento não é inocente. Na linha (30), o termo utilizado “mula qualificada” nos parece mais metafórico uma vez que não se refere ao animal, mas à pessoa que faz o serviço de transporte. O termo modificador refere-se aos privilégios que a “mula” tem e que a torna diferente das outras: por ser um Sargento, pode entrar e sair do país a qualquer momento, com mais facilidade para passar pelas autoridades brasileiras. Em (35),

⁶ <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/06/28/sargento-que-levou-cocaina-em-voe-da-fab-pode-pegar-15-anos-de-prisao-na-espanha.ghtml>

podemos observar a tópica de repulsa na fala do presidente Jair Bolsonaro ao dizer que “lamentava o fato da prisão não ser na Indonésia”.

Ainda no fragmento supracitado, percebe-se características implícitas (etimemas) que exigem do leitor um conhecimento de mundo de que aquele país pune rigorosamente àqueles que são pegos transportando ou traficando drogas.

Vê-se, na linha (37) a construção do delocutivo “ele”, que está subentendido, e a construção da credibilidade do discurso da posição militar na sequência frasal “Jogou fora a vida dele, jogou na lama o nome de instituições”. Na linha (40), nota-se a presença da 1ª (primeira) pessoa para o verbo “lamento”, o que caracteriza um elocutivo. O enunciador usa uma retórica ao citar “não basta o [Marco Antônio] Archer” se referindo ao caso do brasileiro que foi fuzilado na Indonésia em janeiro de 2015 por tráfico de drogas.⁷ Nas linhas (40) o enunciador além de utilizar o recurso da ironia no trecho “Meu grande lamento é que não foi na Indonésia” faz uso do elocutivo “lamento”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Amossy (2018), o *ethos* e o *pathos* têm um papel argumentativo muito importante no discurso. A autora também considera que as figuras e os lexemas, conferem valor expressivo para as emoções na argumentação. Esses elementos contribuem para a força da argumentação na medida em que empenha o interlocutor a completar os elementos ausentes.

As escolhas lexicais organizam uma estratégia argumentativa da construção do *pathos* e do *ethos*, os quais podem ser analisados em contíguo com outras estratégias. A força de persuasão em uma situação de comunicação é conseguida pela maneira como os meios discursivos mobilizam e põem em destaque o *ethos* e o *pathos* (AMOSSY, 2011).

Sendo assim, um trabalho de análise da construção do *pathos* e do *ethos* como recurso linguístico-discursivo contribui para a elaboração de um autor de texto mais consciente e arguidor dos valores das categorias linguístico-discursivas que são convocados para a análise de um corpus.

⁷ Refere-se ao caso do brasileiro que foi fuzilado na Indonésia em janeiro de 2015 por tráfico de drogas.

O discurso tem a capacidade de “reconstituir” a realidade em formas/modos linguísticos-discursivos. E, na sua execução, é vital examinar qual a funcionalidade que a *emoção/pathos* atribui para o discurso argumentativo.

A análise mostrou que o *ethos* apresentado pelo locutor G1, no geral, é o de imparcialidade, seriedade e credibilidade. Também se revelou um veículo de denúncia.

Nesse sentido, espera-se que os resultados alcançados ao longo deste estudo, possam contribuir para as pesquisas linguístico-discursivas que empregam o gênero notícia.

REFERÊNCIAS

ALEXANDER, B. Web 2.0: A new wave of innovation for teaching and learning? *EDUCAUSE Review*, v. 41, n. 2, p. 32–44, mar./abr. 2006.

AMOSSY, Ruth. Da noção retórica de *ethos* à análise do discurso. In: AMOSSY, R. (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2011.

AMOSSY, Ruth. *Apologia da polêmica*. São Paulo: Editora Contexto, 2017.

AMOSSY, Ruth. O *pathos* ou o papel das emoções na argumentação. In: AMOSSY, Ruth. *A argumentação no discurso*. São Paulo; Contexto, p. 171-222, 2018.

PAVEAU, M-A. Technodiscursivités natives sur Twitter. Une écologie du discours numérique. *Epistémè: Revue Internationale de Sciences Humaines et Sociales Appliquées*, Séoul, n. 9, p. 1-19, 2013.

PAVEAU, M-A. *L'Analyse du discours numérique: dictionnaire des formes et des pratiques*. Paris: Hermann, 2017. 400 p.

UMA ANÁLISE DISCURSIVA SOBRE A LIDERANÇA FEMININA NA IGREJA ASSEMBLEIA DE DEUS DO RECIFE

A DISCURSIVE ANALYSIS FEMALE LEADERSHIP IN THE ASSEMBLY OF GOD CHURCH OF RECIFE

Dalexon Sérgio da Silva⁸

Rejane Maria da Silva⁹

Resumo: Este artigo objetiva promover uma análise discursiva da posição de liderança feminina de três dirigentes de círculo de oração da Igreja Assembleia de Deus do Recife, para mostrar os efeitos de sentido que são produzidos nessa posição-sujeito, bem como, a presença de outros discursos no lugar ocupado por elas. Assim, com base na Análise Materialista do Discurso de vertente pecheuxtiana, mobiliza-se as concepções de discurso, posição-sujeito, condições de produção e formações imaginárias presentes nesse *corpus* constituído por um questionário contendo cinco perguntas feitas a essas dirigentes sobre as relações de poder no perfil da liderança feminina, considerando que o círculo de oração é o maior espaço de liderança dado à mulher nessa igreja. Dentre os resultados, a pesquisa mostrou que a liderança masculina na Assembleia de Deus se sobrepõe à feminina.

Palavras-chave: Análise do Discurso. Posição-sujeito. Assembleia de Deus. Liderança feminina.

Abstract: *This article objective to promote a discursive analysis of the position of female leadership of three leaders of the prayer circle of the Assembly of God Church of Recife, to show the meaning effects that are produced in this subject-position, as well as the presence of other discourses in the place occupied by them. Thus, through the Materialist Discourse Analysis of Pecheuxtian strand, the conceptions of discourse, subject-position, production conditions and imaginary formations are mobilized to analyze a corpus consisting of a questionnaire containing five questions asked to these leaders about power relations in the profile of female leadership, considering that the prayer circle is the largest leadership space given to women in this. Among the results, the research showed that male leadership in the Assembly of God overlaps with female leadership.*

Key-words: *Discourse Analysis. Subject-Position. Assembly of God. Female leadership.*

⁸ Pós-doutor e Doutor em Ciências da Linguagem pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), no Programa de Doutorado-sanduiche no Exterior – CAPES, pela Universidade de Lisboa/Universidade Aberta de Lisboa. Membro do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa – Portugal. E-mail: dalexon@uol.com.br; Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5977-361X>.

⁹ Doutora em Biotecnologia, Universidade Federal do Ceará – UFC; rejanefungi@gmail.com.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O desejo de pesquisar o discurso religioso das dirigentes de círculo de oração da Igreja Evangélica Assembleia de Deus da Convenção de Recife teve como origem o momento no qual a segunda autora deste trabalho exerceu suas atividades religiosas como dirigente de círculo de oração na Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Pernambuco e manteve contato com outros sujeitos femininos que ocupavam a mesma posição-sujeito de dirigentes de círculos de oração. Assim, também interagiu com sujeitos que ocupavam a posição de pastores assembleianos, despertando-lhes a atenção por já perceber que cada um desses sujeitos enunciava em uma posição-sujeito diferente, entre dirigentes e pastores. Posteriormente, a segunda autora manteve contato com o primeiro autor, que é analista de discurso. Assim, tais posições-sujeito lhes fizeram aguçar a curiosidade e se questionarem: como o discurso religioso desses sujeitos que são dirigentes de círculo de oração significa na posição-sujeito na qual cada um deles enuncia? Que efeitos de sentido são produzidos do que há de diferente e em comum entre as dirigentes de círculo de oração dessa igreja? Será que todas trazem no discurso um já-dito cristalizado?

Nesse entremeio, este trabalho investigativo destina-se a analisar como se mostram as posições-sujeito de dirigentes de círculo de oração assembleianas num corpus constituído pelo discurso religioso de três sujeitos envolvidos nesta pesquisa. A saber, composto por três dirigentes de círculo de oração da Igreja Evangélica Assembleia de Deus de Recife, no estado de Pernambuco, no Brasil. Este artigo está distribuído no item um de forma a apresentar o trabalho ao leitor, nas considerações iniciais, justificando-o e marcando problematizações e objetivos. O item dois pretende situar, brevemente, algumas considerações teóricas acerca do surgimento do círculo de oração na Igreja Evangélica Assembleia de Deus do Recife no estado de Pernambuco e o item três discute a teoria e procedimento analítico, suporte do trabalho, a Análise do Discurso de linha francesa, tal como delineada por Pêcheux e desenvolvida, no Brasil, por Orlandi e demais estudiosos. Em seguida, pretende-se evidenciar o percurso metodológico do trabalho, para, finalmente, no item cinco, analisar o *corpus* discursivo dos

sujeitos em estudo, focando no aspecto das posições-sujeito. Por último, há o fechamento do trabalho, com as considerações finais.

O CÍRCULO DE ORAÇÃO NA IGREJA EVANGÉLICA ASSEMBLEIA DE DEUS DA CONVENÇÃO DE RECIFE EM SUA CONSTITUIÇÃO HISTÓRICA

De acordo com Andrade (2010), a Assembleia de Deus foi oficializada no estado de Pernambuco em 24 de outubro de 1918, por intermédio do Pastor Joel Carlson, o qual nesta oportunidade realizou em caráter oficial o primeiro culto pentecostal no bairro da Boa Vista, centro do Recife. Joel Carlson e sua esposa, Signe Carlson fundaram na cidade de Recife o orfanato Betel, que contribuiu para expansão da mensagem pentecostal.

Depois de mais de duas décadas surge o Círculo de Oração em seis de março de 1942, através da irmã Albertina Bezerra Barreto, membro da Assembleia de Deus em Recife, Pernambuco, a qual convidou algumas mulheres para orarem na congregação do bairro da Casa Amarela, em favor de sua filha Zuleide, que não andava nem falava e os médicos lhe davam uma expectativa de vida de oito anos (ARAÚJO, 2011).

De acordo com Araújo (2007), a primeira reunião teve a participação de sete mulheres que oravam dez horas por dia, uma vez por semana, e a partir desse momento torna-se uma organização oficial na Assembleia de Deus Casa Amarela. Em relação ao nome “Círculo de Oração”, de acordo com relatos de Araújo (2011), a irmã Albertina Bezerra Barreto inspirou-se num folheto que havia lido, contendo a informação de que a oração era como um círculo nos céus, disse a irmã Albertina: “Quando estávamos orando, lembrei-me da mensagem e disse: — Vamos circular os céus com as nossas orações”.

Depois da abertura do Círculo de Oração no estado de Pernambuco, Albertina e Florismundo Barreto foram para João Pessoa/Paraíba, onde ela foi fundadora e diretora do círculo de oração durante 14 anos. Logo em seguida, a irmã Albertina foi convidada para abrir os trabalhos de Círculo de Oração em outras capitais, por exemplo: Belo Horizonte e Salvador, de onde se expandiu pelos demais estados do Brasil e exterior (ARAÚJO, 2007).

Nos dias atuais o Círculo de Oração na Assembleia de Deus em Pernambuco é um trabalho diurno com duração de oito horas, e sua liderança é formada exclusivamente por mulheres, que pregam, cantam, oram e testemunham; com a diferença de que seus cultos não

são dirigidos do púlpito, espaço da hierarquia oficial masculina, mas na frente deste, no piso de mesmo nível segundo Fajardo (2015).

As pesquisas realizadas pelo IBGE (2010) revelam que o grupo feminino do Círculo de Oração é o mais expressivo em número e as líderes, em sua maioria, são casadas ou viúvas, mas em ambas as igrejas analisadas no presente estudo, podem ser encontradas não só componentes, mas líderes solteiras, o que representa um avanço, já que de acordo com Fajardo (2015), as jovens solteiras não participam do Círculo de Oração em outras Assembleias de Deus do Brasil.

DISCURSO, FORMAÇÕES IMAGINÁRIAS, CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO E POSIÇÃO-SUJEITO NA ANÁLISE MATERIALISTA DO DISCURSO DE VERTENTE PECHEUXTIANA (AD)

O discurso para Pêcheux (1993, p. 82): “[...] é o efeito de sentidos entre locutores”, justamente porque, ao se refutar as transferências (do jeito da linguagem, da história, da “realidade”) o que resta ao sujeito são efeitos (de objetividade, de transparência, de comunicação bem-sucedida...).

Pêcheux (1993, p. 82) ainda afirma que o discurso é estrutura e acontecimento. Desse modo, o discurso pode ser entendido como estrutura, porque nele o linguístico intervém como pressuposto que aponta para exterioridade constitutiva de todo dizer e é acontecimento, porque promove o encontro de uma memória atual que se inscreve numa rede de memórias.

Fernandes (2008) atesta que os discursos têm a sua legitimidade assegurada no já-dito, na memória, eles não são fixos, mas se transformam e assumem outros valores, de acordo com a época, o lugar e a ideologia vigente. Assim, Pêcheux (1999) propõe que o discursivo seja entendido como uma das formas da materialidade das ideologias. Nesse porto, compreende o sujeito como sendo atravessado tanto pela ideologia quanto pelo inconsciente, logo seu sujeito não é *uno* ou do *cogito*, mas é considerado um sujeito descentrado, cindido, clivado. Ele não se constitui na fonte e origem dos processos discursivos que enuncia, pois esses processos são determinados pela formação discursiva na qual o sujeito falante se inscreve, embora esse sujeito possua a ilusão de ser a fonte ou origem do seu discurso. Desse modo, o que garante a especificidade da análise do discurso,

(...) é a relação que os analistas do discurso procuram estabelecer entre um discurso e suas condições de produção, ou seja, entre um discurso e as condições sociais e históricas que permitiram que ele fosse produzido e gerasse determinados efeitos de sentido e não outros (MUSSALIM, 2003, p. 112).

O conceito de condições de produção é o que formulará e reformulará os procedimentos de análise e o objeto de estudo da AD. Conforme já foi dito, as condições de produção é o que caracteriza o discurso e o constituem como objeto de análise.

Orlandi (2005) aborda em seus estudos que, na maioria das vezes, os diferentes sentidos encontrados em diferentes enunciados remetem às memórias e às circunstâncias externas, mostrando que o sentido não está apenas nas palavras e no texto propriamente dito, mas na tensão das relações de forças, pois,

os dizeres não são, como dissemos, apenas mensagens a serem decodificadas. São efeitos de sentido que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz, deixando vestígios que o analista de discurso tem de apreender. São pistas que ele aprende a seguir para compreender os sentidos aí produzidos em relação ao dizer com sua exterioridade, suas condições de produção. Esses sentidos têm a ver com o que é dito ali, mas também em outros lugares, assim como com o que não é dito, e com o que poderia ser dito e não foi. Desse modo, as margens do dizer, do texto, também fazem parte dele (ORLANDI, 2005, p. 30).

Assim, Orlandi (2005) salienta que as condições de produção compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação. Também a memória faz parte da produção do discurso. É nessa compreensão que é possível considerar as condições de produção em sentido estrito e têm-se as circunstâncias de enunciação: o contexto imediato. E se as considerarmos em sentido amplo, as condições de produção incluem o contexto sócio-histórico-ideológico:

(...) a análise do discurso considera como parte constitutiva do sentido o contexto-histórico. (...) O contexto histórico-social, então, o contexto de enunciação, constitui parte do sentido do discurso e não apenas um apêndice que pode ou não ser considerado. Em outras palavras, pode-se dizer que, para a AD, os sentidos são historicamente construídos (MUSSALIM, 2003, p. 123).

É nesse ponto que o sentido não existe em si, sendo parte constitutiva do histórico-social. Ele é determinado pelas posições ideológicas em que as palavras são produzidas e de que as palavras mudam de sentido de acordo com as posições dos sujeitos que as empregam, sendo através da Formação Discursiva (FD) que se consegue compreender o processo de

produção de sentidos, a sua relação com a ideologia, sendo a Formação Discursiva que determina o que pode ser dito. Orlandi (2005) e Brandão (2004) tecem importantes considerações em relação à forma como o sujeito atribui imagens do interlocutor, do referente e de si. Assim, essas imagens constituem o processo de elaboração discursiva, elas se remetem a mecanismos de funcionamento da linguagem. Isto é, as relações de sentido, as relações de força e de antecipação condicionados pelas formações imaginárias:

No discurso, as relações entre esses lugares, objetivamente definíveis acham-se representadas por uma série de “formações imaginárias” que designam o lugar que destinador e destinatário atribuem a si mesmo e ao outro a imagem que eles fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro (BRANDÃO, 2004, p. 44).

Deste modo, na relação de forças, o sentido das palavras é regulado de acordo com o lugar social ocupado pelo sujeito-falante. Nessa perspectiva, a posição social ocupada pelo sujeito falante é inerente ao seu dizer. Nesse item, Pêcheux (1990) teceu seus estudos observando que certos dizeres dominam outros dizeres, segundo a representação que se faz do lugar social ocupado por aquele que enuncia — variação de dominância das palavras. Com relação ao imaginário, vale reproduzirmos o que escreve Orlandi:

Segundo o mecanismo da antecipação, todo o sujeito tem a capacidade de experimentar, ou melhor, de colocar-se no lugar em que seu interlocutor ‘ouve’ suas palavras. Ele antecipa-se assim a seu interlocutor quanto ao sentido que suas palavras produzem. Esse mecanismo regula a argumentação, de tal forma que o sujeito dirá de um modo, ou de outro, segundo o efeito que pensa produzir em seu ouvinte. Este espectro varia amplamente desde a previsão de um interlocutor que é seu cúmplice até aquele que, no outro extremo, ele prevê como adversário absoluto. Dessa maneira, esse mecanismo dirige o processo de argumentação visando seus efeitos sobre o interlocutor (ORLANDI, 2005, p. 39).

Nessa perspectiva, está a interpretação, ou a imagem do sujeito com relação ao seu interlocutor e ao objeto do discurso. Nesse direcionamento, o sujeito, quando enuncia, mobiliza um funcionamento discursivo, que remete às formações imaginárias. Assim, aquilo que o sujeito espera que faça sentido para o interlocutor é também uma interpretação de um discurso anterior que faz parte da formação imaginária do sujeito falante. O mecanismo imaginário acessa esse sentido já dado em discursos anteriores e produzido em condições sócio-históricas.

É pertinente ressaltar que ao analisar o papel da memória, este trabalho assume o conceito de memória discursiva defendido por Pêcheux, ao apontar que:

a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ser lido, vem restabelecer os 'implícitos' (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível (PÊCHEUX, 1999, p. 52).

Isso posto, para Pêcheux (1999) todo discurso se constitui a partir de uma memória e do esquecimento de outro. Nesse item, os sentidos vão se construindo nos embates ideológicos. Assim, a memória é o saber discursivo, o já-dito, os sentidos a que já não temos mais acesso, que foram constituídos ao longo de uma história e que estão em nós, sem pedir licença. A memória, compreendida por Orlandi (2001) em relação ao discurso, é tratada como interdiscurso. Pêcheux (1999) também compreende a memória discursiva enfatizada como interdiscurso. Dito de outro modo, é um saber que possibilita que nossas palavras façam sentido. Esse saber corresponde a algo falado anteriormente, em outro lugar, a algo “já dito”, entretanto, ainda continua alinhavando os nossos discursos. Em razão disso, a memória e, conseqüentemente, o interdiscurso são responsáveis diretos pela constituição do sentido e o sujeito está identificado à formação discursiva a partir da posição-sujeito que enuncia na historicidade.

Segundo Pêcheux (1999), há, em toda sociedade, regras de projeção, que implica na possibilidade de se imaginar no lugar do ouvinte, a partir do próprio lugar. As formações imaginárias repousam nas condições de produção, que se referem ao contexto imediato de anúncio e ao contexto sócio-histórico e ideológico. De acordo com Pêcheux (2014, p. 82), “[...] o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem do próprio lugar do outro [...]”. Nesse ínterim, as formações imaginárias possuem mecanismos de funcionamento, ou seja, todo dizer aponta para outros já-ditos como para dizeres futuros, possíveis. Na antecipação, o sujeito antecipa-se ao interlocutor em relação aos efeitos de sentidos que pensa produzir no ouvinte. Nas relações de força, o lugar a partir do qual fala o sujeito, é constitutivo de ser dizer, de forma que, por exemplo, a fala do professor vale mais do que a do aluno, por uma questão hierárquica.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

De acordo com Orlandi (2005), a materialidade linguística não é transparente, sendo assim há a necessidade da construção de dispositivos para o acesso a ela, trabalhando a espessura linguístico-histórica, ou seja, a discursividade. Desse modo, o universo da pesquisa foi constituído por três sujeitos do sexo feminino, apresentando idades entre 31 e 58 anos. É pertinente ressaltar que a presença, apenas, de sujeito do sexo feminino nesta pesquisa, deu-se porque na Igreja Evangélica Assembleia de Deus da convenção de Recife, a liderança do círculo de oração é exercida exclusivamente pelas mulheres.

Para a efetivação da pesquisa, no processo de constituição do corpus, no que se refere à modalidade técnica, a opção foi por entrevistas semiestruturadas aos três sujeitos envolvidos nesta pesquisa. Nesse item, levando-se em consideração que essa investigação não prioriza a identidade biográfica ou social dos indivíduos, visto que, na AD os sujeitos constituem-se e são constituídos pelo discurso.

Deste modo, ao cotejar o discurso, esta pesquisa se destina a cognominar os sujeitos da entrevista em siglas, sendo, cognominados, assim: •DCO 1 (Dirigente do Círculo de Oração 1) • DCO 2 (Dirigente do Círculo de Oração 2) e • DCO 3 (Dirigente do Círculo de Oração 3), que responderam, espontaneamente, a um roteiro de entrevista com as seguintes perguntas: 1. Como é a relação entre a liderança do pastor e a sua? 2. Para você, o que significa ser dirigente do círculo de oração? Tais perguntas objetivaram observar, principalmente, como a dirigente do círculo de oração da Assembleia de Deus da Convenção de Recife vê a posição-sujeito de pastor e a própria posição-sujeito de dirigente de círculo de oração ocupada por ela, enquanto sujeito religioso assembleiano.

TRABALHO TEÓRICO-ANALÍTICO NUM *CORPUS* DISCURSIVO

Orlandi (2010) demonstra em seus estudos que há na Análise do Discurso de linha francesa dois tipos de dispositivos de interpretação: o dispositivo teórico e o dispositivo analítico. O dispositivo teórico é formado pelas noções e conceitos que constituem os princípios da análise de discurso, orienta o dispositivo analítico, visto que faz o “[...] deslocamento de

uma leitura tradicional para uma leitura que chamamos sintomática [...]” (ORLANDI, 2010, p.26).

Ainda segundo Orlandi (2010), o dispositivo analítico é a parcela que cada analista constrói para estabelecer o seu gesto de leitura e interpretação. Desse modo, torna-se pertinente o uso do recorte discursivo para o procedimento de análise do discurso desses sujeitos que ocupam a posição de dirigente de círculo de oração. De acordo com Orlandi (1987, p. 139/140), “o recorte é uma unidade discursiva: fragmento correlacionado de linguagem – e – situação (...) os recortes são feitos na (e pela) situação de interlocução, aí compreendido um espaço menos imediato, mas também de interlocução, que é o da ideologia”. Assim, seguem, abaixo, os recortes discursivos analisados. Antes, contudo, é pertinente lembrar que a primeira pergunta foi: 1. Como é a relação entre a liderança do pastor e a sua?

Ao ser questionada, a resposta de DCO 1 foi: “O meu pastor é homem de Deus e tudo o que ele manda, devemos obedecer”. A resposta de DCO 1 evoca, aqui, o conceito de formação imaginária (FI), já que a imagem projetada do pastor remete à visão que a comunidade assembleiana tem de um homem que ocupa a posição-sujeito de falar em nome de Deus. Logo, há um deslizamento de sentido ao dizer: “o meu pastor é um homem de Deus”. De acordo com Pêcheux (2009) e Mussalim (2003), a formação ideológica está ligada à representação que os sujeitos têm dos outros sujeitos, são mecanismos de funcionamento discursivo, que não estão relacionados ao físico ou ao lugar empírico, mas às imagens resultantes de suas projeções. Neste caso, a maneira que o imaginário da comunidade assembleiana percebe quem ocupa a posição-sujeito de pastor, enunciando em nome de Deus. Desse modo, a resposta de DCO 1 marca a posição que apresenta uma especificidade discursiva para aqueles que praticam o discurso religioso. Para Orlandi (1987, p. 243) identificam-se como “aqueles em que fala a voz de Deus: a voz do padre – ou do pregador, ou, em geral, de qualquer representante seu”. Orlandi (2007) ainda acrescenta que do ponto de vista da Análise do Discurso, Deus ocupa o espaço da onipotência do silêncio e o homem precisa desse espaço para pôr a sua fala específica. Seguindo a linha de raciocínio da autora, são realizações marcadas pela anulação da reversibilidade, pois não há possibilidade de interlocução, de dialogismo entre locutor e ouvinte(s), tendo em vista que o papel do locutor, nesse tipo de discurso, resume-se a ser o porta-voz de Deus, o de mediador do plano celestial, o defensor do bem, o propagador da verdade.

Assim, conforme Orlandi (2007) e Brandão (2004), o discurso apresentado por DCO 1 aponta para a exterioridade inscrita na historicidade, para o já-dito noutra lugar, conforme defende Pêcheux (1990) ao dizer que alguma coisa fala antes noutra lugar independentemente e diferentemente, vê-se, nessa posição-sujeito de DCO 1, a identificação aos saberes inscritos numa formação discursiva que ao observar o pastor como um homem de Deus, assume a posição-sujeito de passividade ao enunciar, produzindo um efeito de sentido de ratificação: “tudo o que ele manda, devemos obedecer”. Logo, a posição-sujeito de pastor vista por DCO 1 aponta para o lugar discursivo de que o pastor ocupa a posição-sujeito de ser porta-voz de Deus, de ser mediador do plano celestial, do defensor do bem, do propagador da verdade, conforme nos mostra Orlandi (1987). Logo, a negação desses preceitos por DCO 1 poderia constituir-se em efeito de sentido de pecado, de desobediência, de não temente a Deus.

Tais saberes que constituem o discurso religioso também estão presentes no discurso de DCO 2 ao dizer: “O pastor manda e eu obedeço e obedeço às determinações”. Além de enunciar de modo semelhante à DCO 1, o discurso produzido por DCO 2 acrescenta um novo elemento linguístico que também aponta para a exterioridade inscrito na historicidade, ao enunciar: “e obedeço às determinações”. Desse modo, percebe-se que há no discurso de DCO 2, o atravessamento do discurso do pastor local e principalmente do pastor-presidente das Assembleias de Deus da convenção de Recife, pois em sua posição-sujeito de pastor-presidente, é seu discurso quem legitima e autoriza a circulação das determinações, das normas nesta comunidade assembleiana. Da mesma forma, é quem aprova e faz circular na igreja publicações impressas, bem como, consagra os pastores para o pastorado. Seu discurso faz manter em circulação os dogmas referenciais da igreja nos encontros com os pastores para instruções religiosas no Templo Central das Assembleias de Deus no Recife.

É importante ressaltar que tanto no discurso de DCO 1 quanto no discurso de DCO 2 aparecem, de igual modo, o efeito de sentido de obediência ao discurso do pastor. Desse modo, é importante destacar a marca linguística pluralizada apresentada no discurso de DCO 1, ao enunciar: “devemos obedecer”. Assim, tanto DCO 1 quanto DCO 2, bem como as demais dirigente de círculo de oração devem obediência aos pastores e tal enunciado aponta para um efeito de unidade, para a reverberação para a total obediência e assujeitamento trazido pelo discurso dos pastores que atravessa tanto o discurso de DCO 1 quanto o de DCO 2, que se

encontram numa posição-sujeito de dirigentes de círculo de oração identificadas à obediência às normas, às determinações.

É interessante observar, nos recortes discursivos acima, o modo como a memória discursiva é acionada, tendo em vista que a obediência aos pastores é algo que circula no meio assembleiano como já cristalizado, sempre presente nas pregações dos pastores que afirma que as ovelhas devem ser sempre obedientes, presente assim, na formação imaginária de DCO 1 e de DCO 2, trata-se, neste caso, do atravessamento do interdiscurso bíblico, discursos que dá autoridade ao do pastor. Retomando Orlandi (2005), observamos que os sentidos encontrados nos enunciados remetem às memórias e às circunstâncias externas, mostrando que o sentido não está apenas nas palavras e no texto propriamente dito, mas na tensão das relações de forças, pois, os dizeres não são apenas mensagens a serem decodificadas. Assim, nesses recortes discursivos analisados, o linguístico está intervindo como pressuposto, apontando para a exterioridade, para outras formações discursivas que atravessam o discurso desses dois sujeitos assembleianos identificados à formação discursiva de dirigentes de círculo de oração, apontando para o já-dito, conforme nos mostra Pêcheux (1990).

Desse modo, constituindo-se nesta relação entre paráfrase e polissemia, há o acionamento da memória discursiva, promovendo o encontro de uma atualidade e uma rede de memórias, nesta produção de sentidos constituída pela historicidade. Assim, a presença das formações imaginárias no discurso de DCO 1 e de DCO 2 apontam para a percepção da posição-sujeito de pastores que ao transmitirem a palavra de Deus, falam a partir de uma posição-sujeito que pode nos permitir observar no discurso de DCO 1 e de DCO 2, que o atravessamento do discurso dos pastores no discurso desses dois sujeitos entrevistados, produzem efeitos de sentido de controle e de persuasão, clivando-os e marcando-nos numa posição de total subserviência.

Contudo, ao ser questionada sobre a mesma pergunta feita a DCO 1 e DCO 2, ou seja: Como é a relação entre a liderança do pastor e a sua? A resposta dada por DCO 3 foi a seguinte: “Não é muito boa, porque o pastor quer que aceitemos tudo sem questionar, não aceito isso, tem que opinar”. Logo, embora DCO 3 ocupe a mesma posição-sujeito de dirigente de círculo de oração da Assembleia de Deus de Recife, a sua resposta aponta noutra direção, para uma formação discursiva que demonstra uma contra identificação aos saberes apresentados por

DCO 1 e por DCO 2. Dito de outro modo, DCO 3 não se desidentifica da posição-sujeito de dirigente de círculo de oração, pois ela se encontra inscrita na mesma posição-sujeito das demais dirigentes, porém de acordo com Pêcheux (1999), ela demonstra estar contra identificada a tais saberes, pois mesmo estando na mesma posição-sujeito de DCO 1 e de DCO 2, ela questiona esses saberes e produz o efeito de sentido de negação, ao enunciar: “Não é muito boa”. DCO 3 ainda acrescenta outros termos linguísticos que apontam para a exterioridade, produzindo efeitos de sentidos explicativos e de não-aceitação, ao enunciar: “porque o pastor quer que aceitemos tudo sem questionar, não aceito isso, tem que opinar”. Assim, Indursky (2000) afirma que existe a tensão entre a identificação com os saberes da formação discursiva e a contra identificação com os mesmos saberes que ocorre no interior da FD. Desse modo, o sujeito do discurso questiona saberes pertencentes à FD em que ele se inscreve. Assim, observa-se, como se dá a construção de sentidos entre esses locutores entrevistados ao enunciarem nestas das condições de produção do discurso assembleiano, inscritas na posição-sujeito de dirigentes de círculo de oração assembleiana.

Após tais análises, observamos agora os recortes discursivos retirados das respostas à segunda pergunta: 2. O que significa ser dirigente de círculo de oração? Diante do indagado, obteve-se a seguinte resposta de DCO 1. “Dirigente de círculo de oração é uma mulher de oração, dona de casa e assídua no círculo de oração”. É interessante observar neste recorte discursivo como se dá o funcionamento da ideologia, que naturaliza a compreensão de que ser dirigente de círculo de oração é ser uma mulher de oração, dona de casa e ser assídua ao círculo de oração, gerando, desse modo, um efeito de evidência. Pêcheux (1990) nos diz que o funcionamento da ideologia, em geral como interpelação dos sujeitos, acontece por meio do complexo das formações ideológicas e atribui a cada sujeito a sua realidade, enquanto sistema de evidências e de significações percebidas, aceitas e experimentadas. Logo, é a ideologia que produz no discurso dos sujeitos o efeito de evidência. Pêcheux (1999) ainda propõe que o discursivo seja entendido como uma das formas da materialidade das ideologias.

Nesse item, o discurso de DCO 1 produz o efeito de sentido de normatizar este lugar de dirigente de círculo de oração como o lugar de: “mulher de oração, dona de casa e assiduidade”, sendo esses elementos constitutivos apresentados como o “ideal” para essa posição-sujeito, desse modo, silenciando outros saberes e sentidos que possam ser pertencentes

a essa posição-sujeito de dirigente. Vale pontuar que o discurso de DCO 1 carrega o social, o ideológico e o histórico da posição-sujeito construída discursivamente para a dirigente de círculo de oração.

Ainda convém ressaltar que o termo linguístico qualificativo “dona de casa”, aponta na exterioridade, no já dito noutra lugar, como já aponta Pêcheux (2009), para a presença do discurso machista que circula na sociedade por meio da memória discursiva e faz ressoar ecos de que a mulher ideal é aquela que vive para o lar, que sabe cozinhar, passar, preparar refeições etc. Assim, o discurso de DCO 1 apaga dessa posição-sujeito inscrita numa formação discursiva, por exemplo, a construção de sentidos de que uma boa dirigente de círculo de oração também pode ser uma mulher que não seja uma dona de casa.

Já no discurso de DCO 2. “Ser dirigente é ter uma chamada para a intercessão e auxiliar o ministério da igreja”. Do que foi mostrado, neste recorte discursivo, observa-se que Deus (Jesus, Espírito Santo) ocupa uma posição-sujeito que o faz ser visto como o grande sujeito, que é o dono do discurso correto, perfeito. Esse discurso, intocável, inquestionável, atravessa e controla o discurso das dirigentes de círculo de oração assembleianas entrevistadas, promovendo assujeitamento. Desse modo, esse discurso ideal, que possui uma autoridade absoluta, atravessa o discurso de DCO 2, ao enunciar que: “Ser dirigente é ter uma chamada para a intercessão”. A memória discursiva presente na comunidade assembleiana faz reverberar saberes que marcam a compreensão de que Deus chama os seus servos para interceder pelo seu povo. Logo, há no discurso de DCO 2 a presença do atravessamento de outras formações discursivas, por exemplo, dos personagens bíblicos que são mostrados na Bíblia como sendo chamados por Deus para a intercessão. Desse modo, ser dirigente de círculo de oração é ter chamada para interceder, pois as dirigentes também conduzem um povo, uma comissão formada por mulheres que oram pela igreja e pela população em geral do país.

Contudo, é interessante observar, que mesmo o círculo de oração sendo um espaço de liderança feminino na igreja. Diga-se, o maior espaço de “poder” concedido às mulheres como líderes na igreja, observa-se no discurso de DCO 2 que os termos linguísticos presentes em seu discurso, mais uma vez aparecem como pressupostos que apontam para a exterioridade, para marcar a posição-sujeito de dirigente de círculo de oração, com passividade, ao dizer que

além de ter sido chamada para interceder pelo povo, tal posição-sujeito é marcada pela assistência: “auxiliar o ministério da igreja”.

Do exposto, convém pontuar que embora as dirigentes de círculo de oração possam, de fato, serem as responsáveis por algumas contribuições inovadoras e fundamentais na igreja Assembleia de Deus da Convenção de Recife, no discurso de DCO 2, esse efeito de autonomia não aparece. Logo, a dirigente é mostrada como aquela que é chamada (por Deus) para auxiliar os pastores na igreja. Ela aparece, mais uma vez, numa posição inferior. Isto é, na primeira pergunta, aparece como aquela na qual o pastor manda e ela tem que obedecer e, agora, como aquela que deve ser auxiliadora dos pastores. Como efeito de paradoxo, isso se dá justamente num espaço de poder criado para que a dirigente de círculo de oração pudesse exercer a sua liderança na igreja.

Por fim, observamos, agora, a resposta de DCO 3. “Ser dirigente é ter confiança em Deus, porque na igreja somos muito apontadas, poucos consideram o nosso trabalho. Infelizmente no círculo de oração, muita gente quer mandar, dar ordens e nós temos que obedecer”. Mais uma vez, a posição-sujeito de dirigente de círculo de oração é mostrada como constitutiva pela total obediência: “temos que obedecer”. Novamente, a posição-sujeito apresentada por DCO 3 mostra que, embora ela continue ocupando a posição-sujeito de dirigente, assim como DCO 1 e DCO 2, contudo ela se encontra contra-identificada nessa formação discursiva, pois ela não diz que se quer obedecer, mas que se deve obedecer, gerando, assim, um efeito de sentido de obrigação, de determinação, de dominação. Antes, porém, o discurso de DCO 3 mostra a forte presença do discurso divino atravessando o seu discurso, pois “ser dirigente é ter confiança em Deus”. Logo, é preciso buscar a completude em Deus para ser dirigente, pois Deus é visto como o “Grande Outro” no discurso das dirigentes de círculo de oração entrevistadas. Desse modo, Deus passa a marcar este lugar ocupado pelas dirigentes entrevistadas.

Do exposto, um dos efeitos de sentido do discurso religioso é esse reconhecimento do lugar de Deus e dos humanos (sujeitos-cristãos). Nesse ponto, de acordo com Orlandi (1987), nessa relação, estabelece-se a não-reversibilidade no próprio dizer único e inquestionável, sustentado desde o início pela desigualdade de papéis e lugares, entre o divino e o humano. Tais características assumem grande importância nos discursos religiosos, pois o distanciamento que

ocorre entre os interlocutores torna-se elemento necessário para que se possa estabelecer o lugar de Deus (com sua autoridade) e o lugar do homem como subordinado a esse Ser superior. Nesse trâmite, ao falar em nome de Deus, o discurso assembleiano é constituído por um forte efeito de sentido de obediência de subserviência e desse modo, é preciso ter confiança em Deus. Ainda é pertinente pontuar, como o discurso de DCO 3 apresenta o círculo de oração como um espaço de relações de poder, ou seja, de disputa de poder, ao dizer: “porque na igreja somos muito apontadas, poucos consideram o nosso trabalho. Infelizmente no círculo de oração, muita gente quer mandar, dar ordens”.

Nessa guisa, ao apontar para a exterioridade, os termos linguísticos não apontam quais são os sujeitos referenciados, mas marcam o atravessamento de outras formações discursivas, pois por meio da memória discursiva, como defende Indursky (2000) e Orlandi (2001) percebe-se que há a presença de outros sujeitos que ocupam uma posição que lhes permitem exercer a relação de poder no círculo de oração: “muita gente quer mandar, dar ordem”. O discurso de DCO 3 ainda aponta para a posição inferiorizada ocupada pela dirigente de círculo de oração na Igreja Evangélica Assembleia de Deus de Recife, ao dizer: “e nós temos que obedecer”. De acordo com Orlandi (2005), o poder não está no sujeito em si, mas na posição ocupada pelo sujeito. Logo, os sujeitos que aparecem no discurso de DCO 3 ocupam uma posição de poder que lhes permite “mandar” e “dar ordens” no círculo de oração, mesmo sendo um espaço criado para as mulheres exercerem sua liderança na igreja.

É interessante destacar que isso se dá porque existe no discurso dos sujeitos entrevistados (DCO 1, DCO 2 e DCO 3), a forte presença do discurso divino, atravessando e clivando o discurso das dirigentes de círculo de oração. Logo, tomando-se o discurso como materialidade ideológica cujo objetivo é capturar o indivíduo e assujeitá-lo a um poder superior, pode-se afirmar que o indivíduo é interpelado por Deus em sujeito para que aceite sua coerção a esse poder superior, sendo que ele próprio, Deus, é o poder superior.

Orlandi (2006) compreende que esse reconhecimento enquanto efeito de sentido, por parte do sujeito-cristão, torna-se consensual na comunidade à qual ele (sujeito) pertence. O consenso só pode ser entendido se reconhecermos o poder simbólico das palavras e que as palavras não falam por si mesmas, mas falam pelos homens que as utilizam e cujo uso se insere nas relações sociais, que são relações de poder entre os homens.

É possível observar no discurso religioso dessas dirigentes assembleianas, nos cultos, o uso da palavra “poder”. Por exemplo, quando uma dirigente de círculo de oração da Assembleia de Deus diz: — “Deus tem poder”, ou o seguinte enunciado: — “O poder da palavra de Deus”, ou ainda: — “O poder de Deus”, esses enunciados garantem o efeito de sentido no discurso religioso assembleiano. Assim, fica garantido o reconhecimento, por parte do ouvinte, da existência de um poder superior a ele e ao qual ele deve se submeter. Diante desse poder, o homem reconhece sua nulidade, reconhece não ser mais que uma criatura, evidencia-se o seu assujeitamento. O poder, reconhecido e, assim constituído, situa-se, na formação discursiva religiosa, no lado do plano espiritual (Deus). Assim, os ouvintes reconhecem o enunciador (Deus) como aquele que os nomeou e criou e, perante o qual, devem se submeter. Dessa forma, fica garantida a contenção da polissemia, portanto, a não-reversibilidade na formação discursiva religiosa. Nesses termos, tal característica do discurso religioso faz com que haja uma diferenciação do discurso religioso em detrimento aos demais tipos de discursos, uma vez que o querer estar no lugar de, não é função de outros discursos, dessa forma, a retórica utilizada é a retórica de apropriação, pois a ilusão da reversibilidade leva o representante a estar no lugar de e não a estar no lugar próprio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com Orlandi (2005), é por meio do discurso, lugar de enfrentamento teórico, que sujeitos e sentidos se constituem. Desse modo, pode-se compreender que o sujeito assembleiano, interpelado pela ideologia e afetado pelo inconsciente, assume uma posição, um lugar do qual produz enunciados, sendo irremediavelmente afetado por dizeres anteriores. Desta forma, pode-se perceber que no discurso dos três sujeitos entrevistados há o “outro” interno presente na memória discursiva, como defende Pêcheux (1997) ao afirmar que nenhuma memória pode ser um frasco sem exterior. Neste item, os efeitos de sentidos produzidos no discurso dos sujeitos assembleianos mostraram como o que é dito noutra lugar é resignificado.

Nesse viés, este trabalho mostrou como se dão as relações de poder nesse espaço de liderança concedido às mulheres assembleianas na igreja e como cada posição-sujeito de

dirigente de círculo de oração significa ao reatualizar o já-dito, cristalizado na memória discursiva assembleiana, mostrou também a constituição desse discurso religioso pelo atravessamento do discurso divino e pelo discurso do pastor presidente (discurso institucional da igreja). Assim, foram observadas marcas linguísticas que apontam para a exterioridade, no discurso de DCO 1, DCO 2 e DCO 3, mostrando como esses discursos se constituem, interagindo neste processo do discurso religioso, que conduz os sujeitos assembleianos a buscarem a completude espiritual por meio do atravessamento do discurso ideal divino e institucional da igreja Assembleia de Deus da Convenção de Recife.

Assim, este artigo mostrou que tanto DCO 1 quanto DCO 2 encontram-se identificadas, numa posição-sujeito inscrita numa formação discursiva que se identifica com as normas institucionais, com a total obediência aos ditames e ao discurso institucional dos pastores, numa posição que se mostra passiva, ao marcar a posição-imaginária do pastor como ativo, como determinador do poder, conforme aparece no enunciado de DCO 1 e de DCO 2: “o pastor manda e eu obedeço”, “tudo o que ele manda devemos fazer”. Contudo, o discurso de DCO 3 mostrou uma posição-sujeito de dirigente de círculo de oração, que embora não esteja desidentificada dessa posição-sujeito, questiona saberes provenientes dessa formação discursiva, apresentando um processo de contra identificação a essa formação discursiva, pois segundo Pêcheux (1990), esse processo se dá quando os sujeitos questionam saberes provenientes da formação discursiva na qual eles permanecem identificados, como se pode observar ao DCO 3 enunciar: “não aceito isso, tem que opinar”.

Nesse viés, este trabalho de pesquisa contribui para os estudos relacionados às Ciências da Linguagem e da Religião, pois aponta para a dinâmica existente no discurso religioso, para a hierarquia que o constitui, mostrando uma pirâmide de discursos que promovem atravessamentos e silenciamentos, partindo do discurso divino (ideal), chegando ao discurso do pastor presidente e demais pastores (discurso institucional da igreja, regras, normas), e atravessando e afetando o discurso das dirigentes que enunciam a partir desse lugar marcado de dirigentes de círculo de oração assembleianas.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, M. G. *Uma história social da Assembleia de Deus: a conversão religiosa como forma de ressocializar pessoas oriundas do mundo da criminalidade*. 2010. 160 p. Dissertação (Mestrado) – Curso de Ciência da Religião, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2010.
- ARAÚJO, Isael de. *Dicionário do movimento pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.
- ARAÚJO, I. *100 acontecimentos que marcaram a história das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.
- BRANDÃO, Helena H. *Introdução à análise do discurso*. Campinas: Editora Unicamp, 2004.
- FAJARDO, M. P. F175º “Onde a luta se travar”: a expansão das Assembleias de Deus no Brasil urbano (1946-1980). 2015. 358 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual de São Paulo, Assis, 2015.
- FERNANDES, Claudemar Alves. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2008.
- IBGE, 2010. Tabela de número 1489.
- INDURSKY, Freda. *A noção de sujeito em AD: do desdobramento à fragmentação*. Porto Alegre: ANPOLL, 2000.
- MUSSALIN, F. BENTES, A. C. (org.). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. Vol. 3. São Paulo: Cortez, 2003.
- ORLANDI, Eni P. *Análise do Discurso: princípios & procedimentos*. São Paulo: Pontes, 2005.
- ORLANDI, Eni P. *Discurso e texto: formação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2001.
- ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso*. In: LAGAZZI-RODRIGUES, S.; ORLANDI, E. *Discurso e Textualidade*. 2. ed. Campinas- SP: Pontes, 2010.
- ORLANDI, Eni P. *Palavra, fé, poder*. Campinas: Pontes, 1987.
- ORLANDI, Eni P. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas: UNICAMP, 2007.
- PÊCHEUX, Michel. (1969). In: GADET & Hack. *Por uma análise automática do discurso*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1990.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, P. *et al.* (org.). *Papel da memória*. Tradução e introdução de José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999, p. 49-7.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, F.; HACK, T. (org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Unicamp, 1993.

PÊCHEUX, Michel. (1975). *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

O ESTUDO DAS TIRINHAS EM LÍNGUA ESPANHOLA DO ENEM A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA ENUNCIATIVA DA LINGUAGEM

THE STUDY OF ENEM'S SPANISH LANGUAGE COMIC STRIPS FROM AN ENUNCIATIVE LANGUAGE PERSPECTIVE

Cleria Lourdes Moreira Pereira¹⁰

Heloísa Reis Curvelo¹¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar os atos enunciativos na escrita das tirinhas *Gaturro* presentes nas provas do ENEM correspondentes ao intervalo de 2010 a 2020 na língua espanhola e, assim, identificar a importância do *eu* e *tu* para a enunciação a partir da perspectiva da Teoria da Enunciação de Benveniste. As tirinhas estabelecem uma relação semiótica carregada de significados e sentidos, o que as tornam excelentes recursos de aprendizagem da língua espanhola. Para tanto, as categorias utilizadas foram as categorias de pessoa e não pessoa de Benveniste (1989, 1976), em um *corpus* constituído por três tirinhas do quadrinista argentino Nik. Os resultados obtidos a partir da análise mostraram a presença das marcas de subjetividade com predominância em relação às demais marcas enunciativas, bem como o efeito de sentido de comicidade produzido pela relação entre os elementos subjetivos e intersubjetivos e a linguagem não verbal como fator de sentido.

Palavras-chave: Enunciação. Subjetividade. Tirinhas.

Abstract: *This article has the objective to analyze the enunciative acts in the writing of the comic strips Gaturro presents in the exams of the ENEM in the interval 2010 at 2020 in Spanish language and, so, identify the importance of I and you for enunciation from the perspective of Benveniste's Enunciation Theory. The comic strips establish a semiotic relationship loaded of meanings and senses, which make them excellent resources for learning the Spanish language. So, the categories used were the categories of person and non-person of Benveniste (1989, 1976), in a corpus consisting of three comic strips by the Argentine comic artist Nik. The results obtained from the analysis showed the presence of the subjectivity marks with predominance in relation to the other enunciative marks, as well as the sense effect of comicality produced by the relationship between subjective and intersubjective elements and non-verbal language as a factor of meaning.*

Key-words: *Enunciation. Subjectivity. Comic strips.*

¹⁰ Mestranda em Letras pelo Curso de Pós-Graduação em Letras – UFMA (Campus Bacabal).

Endereço para correspondência: Rua Encarnação e Silva, 21, Cohab Anil III, São Luís – MA. CEP: 65050-750. E-mail: cleria.lourdes@ufma.br.

¹¹ Doutora em Linguística, professora do Departamento de Letras, da Universidade Federal do Maranhão – UFMA. Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras de Bacabal.

Endereço para correspondência: Av. dos Portugueses, 1966, Bacanga – CEP 65080-805, São Luís – MA. Cidade Universitária Dom Delgado. E-mail: hrc.matos@ufma.br.

INTRODUÇÃO

As tirinhas são um excelente recurso de aprendizagem de língua espanhola, uma vez que ao se utilizar da estética que alia imagem e texto, em um enredo de humor e com personagens aos quais o público de todas as faixas etárias se identifica, conseguem aproximar a mensagem do texto à realidade do leitor.

Nesse sentido, o uso das tirinhas como recurso didático auxilia o aluno a desenvolver as habilidades de leitura crítica e síntese de mensagens, já que exige deste uma análise mais aprofundada da relação entre os diversos signos (verbais e não verbais) que compõem a semiótica dos quadrinhos.

Essa compreensão deriva da enunciação, pois perpassa o entendimento da intencionalidade do discurso, daquilo que o interlocutor quer comunicar e como essa mensagem é recepcionada pelo leitor, uma vez que a enunciação é uma realização individual a partir da apropriação do objeto semântico.

Tais habilidades de leitura serão fundamentais para a compreensão das informações das tirinhas de língua espanhola no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), visto que a prova avalia o domínio das habilidades e competências comunicativas adquiridas ao longo da formação geral e que assegurem aos indivíduos a continuidade na vida acadêmica, social e inserção no mercado de trabalho (INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA, 2005).

Assim, torna-se relevante compreender as tirinhas em espanhol das provas do ENEM, tomando como base as teorias enunciativas a fim de verificar o entendimento da linguagem a partir da análise de sua relação com as práticas sociais, políticas e interpessoais dos usuários. Por isso, temos como objetivo principal, neste trabalho, analisar as tirinhas *Gaturro* em língua espanhola do ENEM, do período de 2010 a 2020, a partir de uma perspectiva enunciativa da linguagem à luz da Teoria da Enunciação de Benveniste.

O interesse por essa temática deu-se em decorrência da experiência pessoal da pesquisadora a partir das leituras de tirinhas, o que, ao longo do tempo, se transformou em vivência no cotidiano pedagógico, pois percebemos um genuíno interesse dos alunos por este gênero textual durante as aulas de língua espanhola.

O EXAME NACIONAL DO ENSINO MÉDIO – ENEM

O Exame Nacional do Ensino Médio foi instituído a partir da Portaria n. 438 editada pelo Ministério da Educação (MEC), em 1998, e tinha como principais objetivos ser referência para os egressos do ensino médio, funcionando como instrumento de avaliação do desempenho daqueles alunos ao término da educação básica. A princípio, a participação dos alunos dava-se de forma voluntária para os alunos concluintes e que já tivessem terminado o ensino médio (SOUZA; ROSA, 2017; SILVEIRA; BARBOSA; SILVA, 2015).

A partir de 2009, o ENEM passou a ser utilizado como forma de acesso ao ensino superior, em substituição aos concursos vestibulares realizados localmente pelas universidades públicas brasileiras. Assim, a maioria das universidades e institutos federais do país passou a aderir ao exame como forma de acesso aos seus cursos através do Sistema de Seleção Unificada (Sisu), que utiliza a nota do ENEM como meio de seleção. Para o Ministério da Educação (MEC), o ENEM funciona como um instrumento de avaliação:

O Enem, ao colocar-se como instrumento de avaliação individual de desempenho por competências ao término da escolaridade básica, serve como referência de auto-avaliação a milhares de jovens e, ao mesmo tempo, dá uma medida das respostas que a escola apresenta diante dos desafios impostos pelos mecanismos estruturais da sociedade. Na mesma direção, permite ao poder público dimensionar e localizar as lacunas que debilitam o processo de formação dos jovens e dificultam sua realização pessoal e sua inserção no processo de produção da sociedade. Dessa forma, os resultados de desempenho obtidos necessariamente se apresentam no cenário das diferenças socioeconômicas que ainda marcam a sociedade brasileira (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2020, p. 6).

Além do Sisu, os inscritos no ENEM passaram a ter acesso a bolsas integrais ou parciais em cursos de instituições privadas por meio do Programa Universidade para Todos (ProUni), programa instituído pelo MEC em 2004 a partir da Medida Provisória n. 213 (BRASIL, 2021).

Desse modo, o ENEM foi se transformando ao longo dos últimos anos e deixou de ser apenas um instrumento de verificação de competências e habilidades dos alunos que estavam concluindo a educação básica para se tornar em um meio de acesso à educação superior, o que reflete no formato de elaboração do exame.

O GÊNERO TIRINHA E A SUA UTILIZAÇÃO NO ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

Marcuschi (2002) afirma que os gêneros textuais têm se transformado ao longo do tempo para atender aos novos contextos de comunicação em decorrência do desenvolvimento tecnológico e, assim, surgiram os gêneros híbridos que integram os “[...] vários tipos de semioses: signos verbais, sons, imagens e formas em movimento” (MARCUSCHI, 2002, p. 21), indicando que os aspectos sociocomunicativos e funcionais dos textos precisam estar adequados às necessidades comunicativas contemporâneas.

Nesse sentido, os gêneros multimodais se adequam ao cenário em que a relação entre a imagem e os textos escritos se tornam cada vez mais presentes nas práticas de leitura cotidianas. Assim, formar usuários leitores capazes de realizar a leitura eficiente e crítica de tais gêneros se torna condição *sine qua non* para a inserção dos indivíduos nas diferentes práticas sociais atuais.

Aliado a isso, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) evidencia como a diversidade de gêneros textuais na formação escolar é importante para o desenvolvimento intelectual e social dos alunos (BRASIL, 2021). No que tange o ensino de Língua Estrangeira Moderna (LEM), esta presença deve ser ainda mais valorizada, uma vez que não é raro o desinteresse dos alunos nas aulas, seja por não considerarem as línguas estrangeiras importantes para a sua formação, seja por dificuldade de compreensão, como um reflexo das deficiências na aprendizagem da própria língua materna (GONÇALVES; MALAVASI, 2016).

Assim, os gêneros textuais norteiam o trabalho no ensino da LEM e as tirinhas, uma vez que, ao aliarem imagem (linguagem não verbal) e texto (linguagem verbal), tornam-se textos de fácil compreensão da narrativa, já que mesmo aqueles que não conseguem compreender são capazes de fazer inferências tomando como ponto de partida o contexto e as imagens apresentadas.

É justamente a união dos diferentes elementos semióticos que torna o ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras exitoso, pois em sala de aula tem-se a necessidade de discutir os textos a partir da compreensão, interpretação estrutural e conceitual dos gêneros. Para Marcuschi (2011), essa postura só funcionará se o leitor entender a língua como um

sistema variável e heterogêneo, tendo como resultado a percepção de que os gêneros textuais são reflexos sociointeracionais.

Assim, as tirinhas representam um gênero de fácil acesso e compreensão em língua estrangeira; além de possuírem uma linguagem simples, os quadros contendo imagens sequenciais auxiliam no entendimento dos alunos, que se permitem fazer inferências a partir dos desenhos observados nestes textos.

As tiras pertencem ao hipergênero quadrinhos¹², cuja principal característica é a união de elementos textuais e imagens, organizados em uma sequência narrativa disposta em quadros e que faz uso da linguagem gráfica “[...] para compor um texto narrativo dentro de um contexto sócio-comunicativo” no ato da enunciação (RAMOS, 2009, p. 362).

Ao contrário dos textos com predominância da linguagem verbal, a significação das tiras não é regida pelas relações sintagmáticas das regras gramaticais; sendo os quadros tomados como sintagmas de um contexto maior e que, portanto, devem ser analisados um a um, em uma dinâmica progressiva e não interativa como acontece com os textos literários, por exemplo (POSTEMA, 2018).

Embora pertençam a um grupo de gêneros textuais com características afins, as tiras possuem nuances próprias e que devem ser levadas em consideração quando da sua leitura. Postema (2018, p. 175), ao conceituá-las, o faz de maneira bem pormenorizada:

Uma *tira* é uma fila de quadros que forma, com frequência, uma unidade única. As tiras diárias de jornal, por exemplo, são construídas a partir de quatro ou mais quadros que, juntos, criam uma piada ou um episódio (menos frequente) de uma história contínua. O termo “tira” também pode ser usado para uma fila de quadros ou vinhetas da página de uma revista em quadrinhos ou *graphic novel*.

Nesse sentido, cada quadro representa uma unidade semântica delimitada por molduras dispostas sequencialmente e separadas pelas lacunas (*gap*) ou sarjetas. Estas, por sua vez, representam um intervalo de tempo entre os diferentes momentos da sequência e são tais lapsos que geram a sintaxe e semiótica do gênero e permitem ao leitor a leitura ativa e produtiva do todo.

¹² O hipergênero quadrinhos apresenta os gêneros *cartuns*, *charges*, tiras cômicas, tiras cômicas seriadas e as tiras seriadas; que apesar das características afins, constituem gêneros autônomos (RAMOS, 2019).

Além disso, a subjetividade, intrínseca ao ato enunciativo na “oralidade” - Apesar de dedicar-se ao exame da enunciação, Benveniste se preocupou em descrever os atos enunciativos na “oralidade”, dando pouco destaque em seus artigos para os atos enunciativos na escrita. Mas chama atenção para esta necessidade “Seria preciso também distinguir a enunciação falada da enunciação escrita” (BENVENISTE, 1989, p. 90) - , fica evidente quando se faz a transposição de sua premissa à enunciação escrita. Balzan (2017) nos assegura que o autor (aqui assumindo a função do locutor), usando de sua subjetividade, apropria-se da semiótica e da semântica da língua para enunciar no discurso escrito. Balzan (2017), uma vez mais, confirma que a função de intencionalidade no ato enunciativo continua vigente na enunciação escrita e que o autor busca, também, influenciar o comportamento do leitor. E isto não passa despercebido, já que

o leitor, por sua vez, no encontro com o discurso (texto), percebe as marcas linguísticas deixadas pelo autor/locutor e atribui sentido a elas. Mais do que constituir sentidos, a leitura é um processo de reconstituição de sentidos, ou seja, em um percurso inverso ao executado pelo autor/locutor, o leitor reconhece a língua como um sistema de signos distintivos e interpreta as escolhas lexicais e os arranjos sintagmáticos realizados pelo locutor do enunciado (BALZAN, 2017. p. 100).

Ao atribuir sentido ao texto escrito, o leitor se coloca no papel de enunciador e passa da posição de “tu” para “eu”. Esse posicionamento é fundamental para a significância das tirinhas, uma vez que a leitura desse gênero exige do seu leitor uma postura ativa e enunciativa, que precisa levar em consideração a produção de um discurso contextualizado no tempo e espaço em que este enuncia, ou seja lê e atribui sentido aos signos linguísticos.

Outrossim, tomando como referência Benveniste (1976, p. 286), para o qual “[...] é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como *sujeito*, porque só a linguagem fundamenta na *sua* realidade que é a do ser, o conceito de ‘ego’”; busca-se entender como esse sujeito se constitui no texto e no discurso através da relação entre o *eu* e o *tu*, uma vez que eles estabelecem uma relação de intersubjetividade com o contexto narrativo.

Ainda, a partir dessa relação e identificação do *eu* e da subjetividade é que se consegue perceber como o sujeito movimenta a língua para dizer o que diz e como a enunciação é tangencial no que concerne às práticas individuais de expressão enunciativa, uma vez que para Benveniste (1989, p. 82) “a enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um

ato individual de utilização”, ou seja, é o resultado dos processos individuais nas diferentes manifestações enunciativas.

Nesse intuito, o uso das tiras como recurso didático auxilia o leitor a desenvolver as habilidades de leitura crítica e síntese de mensagens, já que exige uma análise mais aprofundada da relação entre os signos que compõem a semântica e a semiótica dos quadrinhos (COSTA, 2014).

E essa habilidade vem ao encontro do que desejamos para o ensino/aprendizagem do espanhol como língua estrangeira, uma vez que desperta no aluno o olhar crítico e a conscientização de que aprender tal idioma não é apenas decodificar e/ou traduzir palavras, frases ou expressões idiomáticas; é construir todo um conjunto de sentidos, entendendo a língua de Cervantes como reflexo de um contexto social e, assim, ressignificar a sua relação com a aprendizagem da língua.

Utilizando-nos dessa teoria, analisamos o ato de enunciação na escrita das tirinhas *Gaturro* presentes nas provas do ENEM correspondentes ao intervalo de 2010 a 2020 em língua espanhola e, assim, identificar a importância do *eu* e *tu* para enunciação das tirinhas *Gaturro* a partir da perspectiva da Teoria da Enunciação de Benveniste (1976, 1989).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Na realização das atividades pretendidas para concretizar a pesquisa, utilizamos a teoria enunciativa benvenistiana (BENVENISTE, 1976, 1989), auxiliada pelo levantamento de informações primárias, secundárias e da bibliografia, tais como: Flores (2017); Flores e Teixeira (2009); Flores, Silva, Lichtenberg e Weigert (2008); Flores *et al* (2009), Fiorin (2016, 2019), dentre outros. Assim, este estudo foi desenvolvido em diferentes etapas, as quais a investigação e as coletas das questões nas provas do ENEM de língua espanhola.

O *corpus* analisado consiste em três tirinhas de Nik, quadrinista argentino que possui obras divulgadas em jornais e em editoriais de alcance global. Os assuntos das tirinhas estão mais diretamente ligados ao universo cotidiano dos jovens e adultos que prestam o exame do ENEM, numa abordagem cômica e crítica.

Como primeira tarefa, foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre o tema, objetivando, inicialmente, propiciar uma maior fundamentação teórica sobre o assunto a ser tratado neste trabalho. Destarte, foi necessário um levantamento e seleção de material bibliográfico que discutam sobre a Teoria da Enunciação de Benveniste, aliada às contribuições de pesquisadores contemporâneos da teoria da enunciação, auxiliando desta forma na construção permanente do objeto de estudo.

Por último, analisamos os discursos observados nas tirinhas envolvendo a enunciação e as tirinhas do *Gaturro* em questões de língua espanhola no ENEM, no intervalo de 2010 a 2020, pois estes constituem fatores importantes a serem analisados.

AS TIRINHAS GATURRO NAS PROVAS DE ESPANHOL DO ENEM

Gaturro, produzida pelo escritor argentino Nik, dá nome à tirinha lançada em 1992, inicialmente com viés político, mas que ao longo dos anos fora se transformando em uma personagem de destaque no mercado dos quadrinhos, ganhando ares mais descontraídos para agradar a um público jovem. Assim, a personagem passou a estrelar a própria tirinha junto com a sua família *Mamurra*, *Tito*, *Papurro*, *Abuelurra*, *Bisabuelurra*, *Gatulongo* e o grande e impossível amor da sua vida, *Ágatha*.

Figura 1. Tirinha *Gaturro*



Fonte: Enem, 2010. Disponível em:
https://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/provas/2010/AZUL_quinta-feira_GAB.pdf.
Acesso em: 28 out. 2020.

A tirinha 1 é composta de quatro vinhetas em preto e branco, nas quais se desenvolve a ação narrativa. A disposição das vinhetas foge ao padrão estrutural comumente observado nas tiras cômicas publicadas no Brasil (vinhetas justapostas na posição horizontal), estando organizada em “tiras cômicas duplas ou de dois andares” (BORGES; PEREIRA, 2015). Quanto à quantidade de vinhetas, está dentro do padrão já descrito por Ramos (2011, p. 106), para quem

[...] a tendência é de uso de poucos quadrinhos, dada a limitação do formato (o que constitui narrativas mais curtas); em geral, fica entre uma e quatro vinhetas (embora haja casos que utilizem vários quadrinhos, em particular nas tiras duplas ou de dois andares).

Observa-se, além disso, a assimetria de tamanho entre as vinhetas; que aumentam ou diminuem de tamanho para incluir a referência à professora. Outrossim, a primeira vinheta não está delimitada pelas linhas da moldura do requadro, cuja presença Santos (2015) associa à composição da linguagem não verbal da tirinha.

Ainda, a linha do requadro indica que a narrativa acontece no presente, pois a linha contínua indica que o fato narrado é real ou verossímil, diferente das linhas pontilhadas ou onduladas que marcam ações passadas ou imaginadas pela personagem (CAGNIN, 1975).

Assim, a sequência temporal inicia-se com a declaração de *Gaturro* de que vive “um tórrido romance com a sua professora”; no segundo quadro, *Ágatha* questiona se existe reciprocidade; no terceiro quadro, *Gaturro* mostra as cartas “trocadas” com a professora, indicando que esta retribui as suas investidas, uma vez que as devolve “com marcas vermelhas” — aqui a palavra vermelho (rojo) remete ao amor — e o desfecho, onde se mostra a matéria cômica da tira, a qual acontece no último quadro, em que a personagem *Ágatha* indica que as marcações vermelhas representam apenas os “erros de ortografia, corrigidos em vermelho”.

No que tange à análise enunciativa da tirinha, percebe-se no primeiro quadro *Gaturro* assumindo a categoria de pessoa *eu*, enquanto *Ágatha* compreende o *tu* — uma vez que *Gaturro* a coloca nessa posição. A enunciação desta tirinha gira em torno do possível romance com a professora, que aqui adquire a posição de não pessoa *ele*, ao redor da qual se

constrói o cenário enunciativo e que “[...] pertence à sintaxe da língua e é considerado como não pessoa, por não participar da instância do discurso, uma vez que não pode se apropriar da língua e colocá-la em funcionamento” (FARINA, 2010, p. 83-84).

Na correlação de personalidade, tem-se *eu* (Gaturro) x *tu* (Ágatha) x *ela* (professora), na primeira e terceira vinhetas. Na segunda e quarta vinhetas, *Ágatha* assume a posição de enunciativa, *eu*, que responde a *Gaturro*, o *tu*; mantendo, assim, a relação *eu* (Ágatha) x *tu* (Gaturro) x *ela* (professora).

Figura 2. Tirinha *Gaturro*



Fonte: Enem, 2014¹³.

Na tirinha 2, composta por apenas um quadro, observa-se a narrativa sendo desenvolvida sem a presença de linhas delimitantes e em um padrão estético moderno que remete ao ambiente das redes de internet. Ademais, aqui a relação entre o texto (linguagem verbal) e imagem (linguagem não verbal) é imprescindível para o entendimento da narrativa.

¹³ https://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/ppl/2014/prova_caderno_cinza_6_2014.pdf. Acesso em: 28 out. 2020

Cagnin (1975, p. 202) afirma que em textos deste tipo os “[...] dois sistemas de signos não podem estar isolados [...] porque se completam na formação da mensagem”.

Assim, a sequência temporal inicia e finaliza nesta vinheta com a reflexão e, também, indagação do usuário do computador “Sabes o que acredito? Que tanta tecnologia, tanta era digital, tanto avanço na carreira de técnico em informática nos levou a uma era de desumanização e despersonalização”. Neste sentido, ao mesmo tempo em que pergunta, já faz uma análise do papel da tecnologia para a deterioração da qualidade de vida daqueles que trabalham diretamente com a tecnologia digital e informática.

A comicidade desta tirinha fica por conta da fala do seu companheiro de trabalho, que julga estar envolvido no diálogo e dá a sua opinião “Não concordo contigo...” ao que imediatamente é interrompido, pois não se trata de uma conversação entre humanos e, sim, entre o homem e a máquina – cuja importância e influência extrapolam o do recurso material, ao se tornar companheira e ganhar status de humano; fato, também, reforçado ao se observar a postura física da personagem que está diante do computador e que não se move corporalmente em direção do seu interlocutor.

No que concerne à análise enunciativa da tirinha 2, percebe-se que a relação *eu x tu* assume diferentes perspectivas, conforme o ponto de observação da enunciação. Em determinado momento, o usuário do computador assume a postura do *eu*, enquanto o seu colega é o *tu*, com o computador pode ser identificado como *ele*; ora o colega troca de posição e se torna o *eu*, ora o usuário passa a ser o *tu* e o computador continua sendo *ele*.

Ainda, uma terceira possibilidade é a que se destaca como mais plausível e aceitável diante da narrativa e, conseqüente, a comicidade da tirinha. O usuário assume a posição de enunciador, *eu*, enquanto a máquina aparece como *tu*. Neste caso, o terceiro elemento da narrativa, de quem se fala e assume a posição de não sujeito não está evidente, pois o colega também irá figurar como *tu*.

Figura 3. Tirinha Gaturro



Fonte: Enem, 2019¹⁴.

A tirinha 3 é composta de sete vinhetas distribuídas em tiras triplas ou três andares, com base no episódio cuja autonomia temática se destaca, formando uma historinha completa, embora “[...] conserve uma linha comum [...]” com as demais produções deste título (CAGNIN, 1975, p. 182). Chama-se atenção para a estrutura do apêndice dos balões da personagem Gordi na primeira, segunda e terceira vinhetas da narrativa, cuja estrutura apresenta-se trêmula, indicando que esta personagem se encontra em um estado de estresse, agitação, nervosismo e alteração emocional. Cagnin (1975, p. 129) afirma que:

O apêndice do balão difere dele no valor ou na função que desempenha. Enquanto o balão, participando dos dois códigos (o figurativo e o linguístico)

¹⁴https://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/pp1/2019/provas/BAIXA_PPL_1_DIA_CADERNO_1_A_ZUL.pdf. Acesso em: 28 out. 2020

transforma a escrita em som, o apêndice transforma a narração em discurso direto; as palavras não são contadas, são também representadas, e assim passamos da diegese (a narração) para a mimese (a representação). Equivale ao que em teatro ou cinema são os diálogos: elimina-se a mediação do narrador pela observação direta do fato [...] (CAGNIN, 1975, p. 129).

Assim, percebe-se que todos os elementos desse gênero são necessários para a construção do sentido do texto e a estrutura do balão une os códigos linguístico e visual, enquanto o apêndice torna essa junção em som, transformando-a em narrativa do discurso direto.

A comicidade da narrativa é percebida entre a antepenúltima e a última vinheta, quando *Gordi* após concordar com os argumentos da companheira questiona “E qual é a chave?” em contraposição a tudo que esta lhe disse anteriormente. Ainda, a delimitação das vinhetas em requadros com molduras com linhas retas indica que a narrativa se desenrola em um tempo presente, o que, também, pode caracterizar uma crítica à sociedade atual e suas demandas na vida dos indivíduos.

No que concerne à relação de personalidade, ao longo de toda a tirinha, identifica-se a relação *eu, tu, ele* sendo ocupadas por *Gordi/companheira, companheira/Gordi* e *clave* (chave), respectivamente. É importante ressaltar que tanto o *eu* quanto o *tu* exercem a subjetividade nesta tirinha, ao contrário da chave (*ele*) que atua como não-pessoa.

A partir da análise dos dados do *corpus* selecionado, tomando como premissa a Teoria Enunciativa de Benveniste, percebe-se que a intersubjetividade e a subjetividade são importantes para a construção do sentido das tirinhas; outrossim, a análise da relação destas com os signos linguísticos e não verbais é necessária para a construção do sentido.

No que concerne às marcas de intersubjetividade descritas por Benveniste e que auxiliam na análise enunciativa foram observadas, explicitamente, a presença de apenas dois pronomes pessoais: *ella* na tirinha 1 e *vos* (variante utilizada no território argentino em substituição ao *tú*) na tirinha 2. O pronome pessoal *yo* que marca a subjetividade do enunciador pode ser identificado através das desinências verbais nas três tirinhas (*estoy, creo, coincido* e *tengo*), o que aliado à linguagem não verbal mostra a predominância do discurso subjetivo nas três tirinhas analisadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objetivo analisar o ato de enunciação na escrita das tirinhas *Gaturro* presentes nas provas do ENEM de língua espanhola, e assim, identificar a importância do *eu* e *tu* para enunciação dessas tirinhas desde a perspectiva da Teoria da Enunciação de Benveniste.

A partir da análise do *corpus*, identificou-se que a relação semiótica entre as linguagens verbal e não verbal são relevantes para a construção do sentido da enunciação, sendo imprescindível a análise da posição da subjetividade e intersubjetividade estabelecidas entre o *eu/tu* e como tal se consubstancia com a não-pessoa *ele*.

Os elementos dêiticos e as marcas de subjetividade descritas por Benveniste apareceram em número reduzido, sendo a marcação de subjetividade percebida através das desinências verbais e pronomes complementos; a modalidade temporal ficou visível através do tempo verbal presente predominante no *corpus* analisado, bem como no formato da linha da moldura dos quadros das vinhetas.

Outrossim, identificou-se que a comicidade das narrativas se constituiu diante da oposição entre o enredo desenvolvido de forma central e o desfecho da história, um traço típico do título *Gaturro*. Ainda, identificou-se a riqueza semiótica inerente ao gênero tirinha e que possibilita uma grande quantidade de inferência a partir de uma análise mais complexa que deve levar em consideração outros elementos enunciativos e que não foram objetos deste trabalho.

REFERÊNCIAS

BALZAN, Carina Fior Postinger. Da noção de subjetividade de Benveniste à leitura como ato enunciativo. *Leitura: teoria & prática*, Campinas, São Paulo, v. 35. n. 69, p. 87-102, 2017.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II*. Tradução Eduardo Guimarães *et al.* Campinas, SP: Pontes, 1989.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral*. Tradução Maria da Glória Novak e Luiza Neri; revisão Prof. Isaac Nicolau Salum. São Paulo: Editora nacional, Editora da Universidade de São Paulo, 1976.

BORGES, Maria Isabel; PEREIRA, Esmeri Malagute. Orlandeli e sua produção de tiras: entre o tradicional e a inovação. *In: Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos*

, 3., 2015, São Paulo. *Anais [...]* São Paulo: ECA, 2015. Disponível em:
<http://www2.eca.usp.br/anais2ajornada/anais3asjornadas/artigo_080620151800152.pdf>.
Acesso em: 28 out. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.
Disponível em:
<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>
. Acesso em: 06 out. 2021.

CAGNIN, Antônio Luís. *Os quadrinhos*. São Paulo: Ática, 1975.

COSTA, Lucas Piter Alves. *Signos visuais, verbais e não-verbais do discurso quadrinístico*. *Revista do SELL*, v. 4, n. 1, p. 1-21, 2014. Disponível em:
<<http://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/sell/article/view/412>>. Acesso em: 18 jun. 2020.

FARINA, Luciane Schiffel. *Tiras da Mafalda: um estudo enunciativo da categoria de pessoa*. 2010. 128 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de Passo Fundo, 2010.

FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. 3. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

FIORIN, José Luiz. (org.). *Introdução à Linguística: I. Objetos teóricos*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

FLORES, Valdir do Nascimento. *Saussure e Benveniste no Brasil: quatro aulas na École Normale Supérieure*. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

FLORES, Valdir do Nascimento; SILVA, Silvana; LICHTENBERG, Sônia; WEIGERT, Thaís. *Enunciação e gramática*. São Paulo: Contexto, 2008.

FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. Enunciação, dialogismo, intersubjetividade: um estudo sobre Bakhtin e Benveniste. *Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso*, São Paulo, v. 1, p. 143-164, 2009.

FLORES, Valdir do Nascimento *et al.* *Dicionário de linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009.

GONÇALVES, Nilvia Ines de Godoy; MALAVASI, Silvana. A prática de leitura nas aulas de língua espanhola utilizando o gênero textual história em quadrinhos. *Cadernos PDE.*, v. 1, 2016. Disponível em:
<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_lem_unespar-apucarana_nilviainesdegodoy.pdf>. Acesso em: 26 out. 2021.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (Brasil). *Exame Nacional do Ensino Médio (Enem): fundamentação teórico-metodológica*. Brasília: INEP, 2005. Disponível em:

<<http://portal.inep.gov.br/documents/186968/484421/ENEM+-+Exame+Nacional+do+Ensino+M%C3%A9dio+fundamenta%C3%A7%C3%A3o+te%C3%B3rico-metodol%C3%B3gica/449eea9e-d904-4a99-9f98-da804f3c91f5?version=1.1>>.

Acesso em: 26 out. 2021.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação*. In: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher (org.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. 4. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Gêneros textuais: definição e funcionalidade*. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2002.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *ENEM – DOCUMENTO BÁSICO*. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/documents/186968/484421/Exame+Nacional+do+Ensino+M%C3%A9dio+-+ENEM++documento+b%C3%A1sico/e2cf61a8-fd80-45b8-a36f-af6940e56113?version=1.1>>. Acesso em: 18 jun. 2020.

POSTEMA, Bárbara. *Estrutura narrativa nos quadrinhos: construindo sentido a partir de fragmentos*. Tradução Gisele Rosa. São Paulo: Petrópolis, 2018.

RAMOS, Paulo. *A leitura das histórias em quadrinhos*. São Paulo: Contexto, 2019.

RAMOS, Paulo. *Faces do humor: uma aproximação entre piadas e tiras*. São Paulo: Zarabatana Books, 2011.

RAMOS, Paulo. *Histórias em quadrinhos: gênero ou hipergênero? Estudos linguísticos*, São Paulo, v. 38, n. 3, p. 355-367, set./dez. 2009.

SANTOS, Roberto Elísio dos. *Aspectos da linguagem, da narrativa e da estética das histórias em quadrinhos: convenções e rupturas*. In: VERGUEIRO, Waldomiro; SANTOS, Roberto Elísio dos (org.). *A linguagem dos quadrinhos: estudos de estética, linguística e semiótica*. São Paulo: Criativo, 2015.

SILVEIRA, Fernando Lang da; BARBOSA, Marcia Cristina Bernardes; SILVA, Roberto da. *Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM): uma análise crítica*. *Revista Brasileira de Ensino de Física*, v. 37, n. 1. 1101, 2015. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/rbef/a/TpSdTxpHR3XBgFttPmgmyPF/?lang=pt>>. Acesso em: 09 out. 2021.

SOUZA, Marcio Coutinho de; ROSA, Jose Gaspar. *O Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM) e o ranqueamento das escolas: princípios e práticas*. *Revista espacios*, v. 38, n. 15,

Littera Online

PPGLetras | UFMA | v. 13 | n.º 25 | 2022 | ISSN 2177-8868

Programa de Pós-Graduação em Letras | Universidade Federal do Maranhão

2017. Disponível em: <<https://www.revistaespacios.com/a17v38n15/a17v38n15p09.pdf>>.
Acesso em: 09 out. 2021.

O QUE AS CENOGRÁFIAS (AINDA) NOS DIZEM SOBRE O NEGRO E SUA RELAÇÃO COM O TRABALHO?

WHAT DO SCENOGRAPHIES (Still) TELL US ABOUT BLACK PEOPLE AND THEIR RELATIONSHIP WITH WORK?

Ana Lourdes Queiroz da Silva¹⁵

Resumo: Este artigo se propõe a evidenciar, por meio da análise da cenografia de uma propaganda, a constituição de identidades do negro em suas relações com o trabalho. Para tanto, partirei da possibilidade de articulação entre os quadros teórico-metodológicos propostos por Maingueneau (2001, 2005, 2008) e por Paveau (2013), considerando os conceitos de interdiscurso, cenografia e pré-discurso, a fim de explicar o funcionamento discursivo no campo publicitário. O *corpus* de análise é constituído pela propaganda VIVER É UMA ENTREGA (2020), da empresa *Ifood*. Como resultado, apresento reflexões sobre a questão da constituição de identidades a partir da articulação de conceitos, segundo o quadro de uma teoria do discurso de base enunciativa.

Palavras-chave: Negro, Publicidade, Interdiscurso, Pré-discurso, Cenografia.

Abstract: *This article proposes to highlight, through the analysis of the scenography of an advertisement, the constitution of black identities in their relations with work. For this purpose, I will start from the possibility of articulating the theoretical-methodological frameworks proposed by Maingueneau (2001, 2005, 2008) and by Paveau (2013), considering the concepts of interdiscourse, scenography and pre-discourse, in order to explain the discursive functioning in the advertising field. The corpus of analysis consists of the advertisement VIVER É UMA ENTREGA (2020), by the company Ifood. As a result, I present reflections on the issue of the constitution of identities from the articulation of concepts, according to the framework of an enunciative-based discourse theory.*

Key-words: *Black people, Advertising, Interdiscourse, Pre-discourse, Scenography.*

¹⁵ Professora do Magistério Superior do Departamento de Letras, do Instituto Federal do Maranhão – Campus São Luís/Monte Castelo. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos – PPGEL – UFU, na linha de pesquisa Linguagem, sujeito e discurso, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Fernanda Mussalim. E-mail: anaqueiroz@ifma.edu.br

INTRODUÇÃO

Este artigo trata dos discursos que surgem no campo da publicidade, os quais são construídos sobre o negro em suas relações com o trabalho no Brasil. Proponho-me a demonstrar como os embates regrados no interior do interdiscurso, atrelados aos pré-discursos que circulam como operadores de negociações de crenças e saberes, fazem emergir identidades que se mostram através das cenografias e localizam o negro nas mais diversas situações de trabalho.

O texto está dividido em três momentos. Na primeira seção, farei uma breve exposição, pelas vias históricas, sobre a situação social do negro no país. A seguir, apresentarei os conceitos de cenografia, importante espaço com o qual os interlocutores são capturados pelos discursos, e os desdobramentos desta cenografia em cenas validadas, bem como, o conceito de interdiscurso e de pré-discurso. Em seguida, a partir da articulação desses quadros, procederei com as observações feitas na ou acerca da propaganda VIVER É UMA ENTREGA (2020), da empresa *Ifood*, a fim de evidenciar o que (ainda) dizem essas cenografias sobre o negro em suas relações com o trabalho.

UM POUCO DA HISTÓRIA DO NEGRO NO BRASIL: escravo ou cidadão?

Após o racismo científico entre os séculos XVIII e XIX, quando o negro é discursivizado pela ciência como um problema científico, passível ou não de solução, o século XX buscou inaugurar uma nova forma de enunciar esse sujeito, seja pelo protagonismo na luta pela inclusão em uma sociedade mais justa e igualitária em termos de oportunidades ou pela proposição de políticas sociais como forma de tentar minimizar a assombrosa opressão histórica sofrida pelo negro no Brasil.

A temática apresenta apelo relevante e alimenta a circulação de enunciados que revelam novos posicionamentos e identidades ao sujeito negro. Nesse viés, o linguístico e o histórico são articulados de forma a demonstrar tais rastros de sentidos nos/pelos discursos que circulam socialmente. O mito da democracia racial é um exemplo dessa imbricação. Termo cunhado por Gilberto Freyre, a democracia racial vigorou no cenário nacional entre os anos de 1900 e 1940, em busca da caracterização de um país inteiramente livre de bloqueios

institucionais para a igualdade entre as raças e, mais que isso, um país em grande parte, isento de preconceito e discriminação racial informais.

Quanto a este cenário, Lima (2004, p.18) afirma:

O mito da democracia racial, ao tempo em que promete a anulação da cor/raça, no plano biológico e cultural, “dissimula a discriminação racial no plano sociológico. Como discriminar alguém que não existe? (...). Aqui se manifesta outra característica do mito da democracia racial brasileira: a invisibilidade da ‘massa dos negro-mestiços’. Essa invisibilidade nega a existência dos negros, o que em última instância retira deles a humanidade e radicaliza a discriminação contra os mesmos, porque é da essência do racismo a desumanização do oprimido racialmente”.

Na sua essência, esse discurso anula toda e qualquer discriminação e preconceito racial, apontando para a igualdade de oportunidades para negros e brancos.

Os novos saberes difundidos a partir de então são fundamentados, segundo Freyre (1933), pela influência do processo de “miscigenação biológica e cultural” do povo brasileiro em um ambiente de “quase reciprocidade cultural”, onde as práticas dos povos atrasados eram aproveitadas pelos povos adiantados.

Segundo Freyre (1933), a formação social brasileira, tanto quanto a portuguesa, fez-se pela solidariedade de ideal ou de fé religiosa, que supre a lassidão de nexos ou de mística ou de consciência de raça. Assim, mesmo envolto no mito da democracia racial, os discursos de ordem religiosa, científica e política do século XVI ainda determinavam a forma como o negro era enunciado nos quadros de saberes e crenças que circulavam socialmente. Lima e Vala (2004, p. 236) expõem as preocupações cristãs dos colonizadores portugueses para quem a escravidão era uma forma de redenção da alma. Aos moldes do século XVI, “negros, mestiços, cristãos novos e índios eram impedidos de ocupar cargos de confiança¹⁶, sob a alegação de não possuírem nem tradição católica, nem título de nobreza” (LIMA; VALA, 2004, p. 238).

Passados quase meio século de tentativas para mitigar as marcas de opressão histórica sofridas pela população negra no Brasil, a revista *Anhembi* surge, entre 1950 e 1963, questionando as condições sociais do negro em um país aberto às oportunidades para todos. Com as grandes transformações econômicas promovidas pelo capitalismo e o discurso de

¹⁶ Para se candidatar aos cargos de confiança do contexto em questão (coletor de impostos, vereador, escrivão de juízo etc), era necessária a apresentação de um atestado genealógico, a fim de comprovar que o aspirante era limpo de sangue, ou seja, não possuía nenhum membro da família pertencente a “raças impuras” (LIMA; VALA, 2004, p. 238).

universalização em relação aos direitos do cidadão, pelo menos em tese, a ideia de uma sociedade escravocrata passa a ser injustificável.

Nesse contexto, o negro é enunciado sob os antigos estereótipos, não mais para fundamentar o trabalho do africano como escravizado, mas demarcando uma nova forma de habitar o mundo:

Um novo tipo de preto afirma-se cada vez mais, com a transformação do escravo em cidadão, e o branco não sabe mais que atitude tomar com ele, pois os estereótipos tradicionais já não se aplicam a este negro que sobe na escala social (BASTIDE; FERNANDES, 1955, p. 11).

Nesse momento da história, o negro encontra-se, portanto, entre o lamento da escravidão e o descaso dos senhores e do Estado que não assumiram a manutenção dos escravos no novo sistema de trabalho, fato que constitui a exclusão dessa população do exercício da cidadania (BASTOS, 1988).

A cor negra passa a indicar mais que uma diferença física. Ser preto é motivo para espoliação, pois “o fundamento pecuniário, quer da escravidão, quer da exploração do escravo, compeliu os brancos a procurarem as razões emocionais, racionais e morais da escravidão da relação senhor/escravo” (BASTOS, 1988, p.24).

Novamente, a sobreposição de discursos revela as práticas discursivas em relação ao negro nesse momento histórico. Diferenças culturais e religiosas sublinham o peso da cor e “coisificam” o negro para a condição de mercadoria barata.

A cor age, pois, de duas maneiras, seja como estigma social, seja como estatuto social inferior. Se assim é, quanto mais o negro se aproximar do branco, pela tez, pelos traços do rosto, nariz afilado, cabelos lisos e lábios finos, maiores suas possibilidades de ser aceito (BASTOS, 1988, p. 25).

Andando um pouco mais na história de um Brasil para pretos, em 1951, a Lei Afonso Arinos surgiu com o objetivo de combater os crimes contra cor praticados formalmente em hotéis, escolas e instituições públicas. Infelizmente, em seus resultados, pela falta de rigor na fiscalização, não contribuiu na produção de um comportamento mais humano em relação ao sujeito negro no Brasil.

Em 1988, a Constituição Federal trouxe em seu bojo, os sentidos de igualdade para todo o cidadão brasileiro, inclusive o negro, o qual passa a ser visto sob as lentes de uma questão fenotípica:

Art. 3º. – Constituem objetivos principais da República Federativa do Brasil(...):

IV – Promover o bem-estar de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

Em 1989, a Lei Caó (7716/89) ratifica a mesma ideia de igualdade já assegurada pela Lei Magna. A partir de então, outras leis surgiram a fim de assegurar os direitos do negro na sociedade brasileira.

O Estatuto da Igualdade Racial (Lei 12.288/2010), por exemplo, reatualiza esse percurso sobre o negro e reorienta o posicionamento deste sujeito. Além da proposta de inserção social, os enunciados trazem à tona o discurso de um negro valorizado em suas origens¹⁷, fazendo surgir as condições de possibilidades e uma nova forma de habitar e se movimentar no mundo, contemplando, de forma mais específica, a publicidade:

Art. 43. A produção veiculada pelos órgãos de comunicação valorizará a herança cultural e a participação da população negra na história do País.

Art. 44. Na produção de filmes e programas destinados à veiculação pelas emissoras de televisão e em salas cinematográficas, deverá ser adotada a prática de conferir oportunidades de emprego para atores, figurantes e técnicos negros, sendo vedada toda e qualquer discriminação de natureza política, ideológica, étnica ou artística. Parágrafo único. A exigência disposta no caput não se aplica aos filmes e programas que abordem especificidades de grupos étnicos determinados.

Art. 45. *Aplica-se à produção de peças publicitárias* destinadas à veiculação pelas emissoras de televisão e em salas cinematográficas o disposto no art. 44.

Art. 46. Os órgãos e entidades da administração pública federal direta, autárquica ou fundacional, as empresas públicas e as sociedades de economia mista federais deverão incluir cláusulas de participação de artistas negros nos contratos de realização de filmes, programas ou quaisquer outras peças de caráter publicitário.

§ 1º Os órgãos e entidades de que trata este artigo incluirão, nas especificações para contratação de serviços de consultoria, conceituação, produção e realização de filmes, programas ou peças publicitárias, a obrigatoriedade da prática de iguais oportunidades de emprego para as pessoas relacionadas com o projeto ou serviço contratado.

§ 2º Entende-se por prática de iguais oportunidades de emprego o conjunto de medidas sistemáticas executadas com a finalidade de garantir a diversidade étnica, de sexo e de idade na equipe vinculada ao projeto ou serviço contratado.

§ 3º A autoridade contratante poderá, se considerar necessário para garantir a prática de iguais oportunidades de emprego, requerer auditoria por órgão do poder público federal.

¹⁷ A questão da valorização das manifestações culturais, outrora enunciadas como crime no Código Penal de 1890.

§ 4o A exigência disposta no *caput* não se aplica às produções publicitárias quando abordarem especificidades de grupos étnicos determinados. (grifo meu).

Na atualidade, o protagonismo compõe mais uma forma de discurso que se entremeia aos diversos outros que constituem as identidades do sujeito negro na história. Nesse sentido, ao pensar na presença do negro na publicidade, é perceptível que as representações de subalternidade e ascensão ainda estarão presentes nas cenografias, justificando o embate regrado dos discursos em oposição ao seu Outro, que surge esvaziando o espaço ocupado e, a partir desse conflito, deixando surgir novas identidades.

APORTE TEÓRICO

1. Cena de enunciação

Maingueneau aponta que “um texto não é um conjunto de signos inertes, mas o rastro deixado por um discurso em que a fala é *encenada*” (2001, p. 85). Nessa perspectiva, o autor propõe uma instância de enunciação em que são apresentadas três cenas: a cena englobante, a cena genérica e a cenografia.

A cena englobante corresponde ao tipo de discurso: religioso, político, filosófico, publicitário etc. Essa instância inscreve o sujeito, observando a finalidade com a qual o texto é organizado. Diz respeito ao estatuto pragmático do discurso, isto é, o modo de funcionamento social, definindo o modo de o texto interpelar o leitor.

A cena genérica é definida pelos gêneros dos discursos. Para Mussalim (2007, p. 118), “cada gênero de discurso implica em uma cena específica que impõe aos sujeitos interlocutores um modo de inscrição no espaço e no tempo, um suporte material, um modo de circulação ou uma finalidade.

Essas duas cenas, a cena englobante e a cena genérica, definem o quadro cênico do texto que “define o espaço estável no interior do qual o enunciado adquire sentido” (MAINGUENEAU, 2001, p. 87). No entanto, não será com o quadro cênico que o interlocutor terá um confronto direto, mas com a cenografia. Para o autor, a cenografia tem o poder de deslocar o quadro cênico para segundo plano. Essa movimentação é então descrita, como uma “espécie de cilada” na qual o interlocutor se deixa enredar.

A cenografia não é simplesmente um quadro, um cenário como se o discurso aparecesse inesperadamente no interior de um espaço já construído e independente dele: é a enunciação que, ao se desenvolver, esforça-se para constituir progressivamente o seu próprio dispositivo de fala[...] Desse modo, a cenografia é *ao mesmo tempo a fonte dos discurso e aquilo que ele engendra*; ela legitima um enunciado que, por sua vez, deve legitimá-la, estabelecendo que essa cenografia onde nasce a fala é precisamente a cenografia exigida para enunciar o que convém[...] (MAINGUENEAU, 2001, p. 87 e 88, grifos do autor).

Ainda considerando as trilhas que o gênero pode traçar, é importante ressaltar a opacidade com a qual o discurso publicitário mobiliza o conceito, de forma “que não deixa prever antecipadamente qual cenografia será mobilizada”. Dessa forma, dentro da cenografia pode-se invocar outra cena de fala: *a cena validada*.

[...] uma cenografia pode apoiar-se em cenas de fala que chamaremos de *validadas*, isto é, já instaladas na memória coletiva, seja a título de modelos que se rejeitam ou de modelos que se valorizam. [...] O repertório das cenas disponíveis varia em função do grupo visado pelo discurso: uma comunidade de fortes convicções possui sua memória própria (MAINGUENEAU, 2001, p. 92, grifo do autor).

Assim, a cena validada se caracteriza não como discurso propriamente, mas como um “estereótipo autonomizado” pronto para ser reinvestido em outros textos.

Como então explicar o funcionamento discursivo, oriundo da cenografia e as representações arquetípicas disponíveis para inserção nas cenas validadas, em um campo como o da publicidade voltada para o negro?

Considero que essa resposta está na proposta de junção entre os conceitos de interdiscurso, lugar de onde surgem as cenografias e de pré-discurso, fundamento que explicará os modelos validados, rejeitados e reaplicados nos reinvestimentos postos a circular pela mídia.

2. Interdiscurso: lugar de confrontos e identidades

Ao situar o leitor sobre a noção de discurso postulada, Maingueneau (2005) ressalta o caráter integralmente linguístico e integralmente histórico das unidades de discurso que aparecem nas estruturas de sentidos manifestas. Desse modo, o autor situa-se “no lugar em que vêm articular-se um funcionamento discursivo e sua inscrição histórica, procurando pensar as condições de enunciabilidade possível de circunscrever-se historicamente” (p.17). De acordo

com o quadro, os discursos, em termos de gênese, não se constituem independentemente uns dos outros para em seguida serem postos em relação. Nessa esteira, surge a hipótese do *primado do interdiscurso*. “O interdiscurso tem precedência sobre o discurso. Isso significa propor que a unidade de análise pertinente não é o discurso, mas um espaço de trocas entre vários discursos convenientemente escolhidos” (p. 21, grifo meu). O interdiscurso é, portanto, um espaço de regularidade onde os discursos se formam de maneira regulada. É por meio da relação interdiscursiva que as identidades são estruturadas.

Para Maingueneau (2005), a construção de um sistema a partir da definição da rede semântica que circunscreve a especificidade de um discurso é o reconhecimento do primado do interdiscurso, contexto em que esse discurso coincide com seu Outro¹⁸. O autor explica que o primado do interdiscurso significa “incitar a construir um sistema no qual a definição de rede semântica que circunscreve a especificidade de um discurso coincide com a definição das relações desse discurso com seu Outro” (p. 38). Nesse ensejo, o texto refuta a ideia de identidade fechada, postulando o interdiscurso no nível das condições de possibilidade semântica, como um espaço de trocas, ideia que está na direção contrária à autonomia discursiva. Ainda é pontuado que o caráter essencialmente dialógico de todo o enunciado do discurso decorre “da impossibilidade de dissociar a interação dos discursos do funcionamento intradiscursivo” (p. 39, grifo meu). A imbricação do Mesmo com seu Outro apresentada no quadro teórico não vislumbra a coerência semântica das formações discursivas como essência, tampouco a inscrição na história como um princípio de unidade, “mas um conflito regrado” (p. 39).

Dentro desse conflito regrado, o autor apresenta o ideário de dissimetria na ordem da gênese, em que “o discurso primeiro não permite a constituição de discursos segundos sem ser por eles ameaçados em seus próprios fundamentos” (MAINGUENEAU, 2005, p. 41). O discurso segundo não faz desaparecer instantaneamente o discurso do qual deriva. Há um período de coexistência que fundamenta o duplo estatuto do espaço discursivo, seja ele de modelo dissimétrico, permitindo a descrição de um discurso em sua constituição, seja de modelo simétrico, de interação conflituosa entre dois discursos para os quais um representa

¹⁸ Este Outro, em maiúscula não está inscrito na perspectiva lacaniana, mas na de uma heterogeneidade discursiva.

totalmente ou em parte o seu Outro, aspecto denominado de dupla tradução, essencialmente importante ao processo de análise proposto pelo quadro metodológico.

O autor ainda explica sobre os casos de desaparecimento total do discurso primeiro e posterior inscrição do discurso segundo em um campo discursivo diferente, situação em que considera a distinção entre uma fase de constituição e uma fase de conservação, em relação ao discurso segundo e, ao explicar sobre a fase de conservação, Maingueneau postula que

“mesmo que a presença do Outro constitutivo tenha desaparecido, a maneira pela qual o discurso segundo vai gerir suas novas relações intradiscursivas continua determinada pela rede semântica através da qual ele se constituiu (...) eles são analisados pela grade original, aquela mesma que assegura a identidade discursiva” (MAINGUENEAU, 2005, p. 43).

Segundo este quadro, o discurso não desaparece repentinamente, mas é deslocado para uma periferia, em que “a área semântica que ele recobria é total ou parcialmente retomada por outra, ou redistribuída entre várias” (idem), ou seja, a falta de relação entre o discurso primeiro e o discurso segundo não impede que este último continue “a ler a figura do seu Outro”.

3. Pré-discurso: crenças que atravessam o tempo

Quanto ao que se refere ao conceito de pré-discurso, Paveau (2007) define o termo como “operadores de negociação do compartilhamento, da transmissão e da circulação dos sentidos nos grupos sociais” (p. 318). A autora assume em seus postulados o ideário de uma dimensão cognitiva para o discurso, não em uma posição psicologista mais limitada, mas como “os processos de construção de conhecimentos e sua configuração no discurso a partir de dados recebidos pelos sentidos, pela memória e pelas relações sociais” (PAVEAU, 2013, p. 9). Por cognição, Paveau compreende “os processos de construção de conhecimentos e sua configuração no discurso a partir dos dados recebidos pelos sentidos, pela memória e pelas relações sociais” (p. 9). A abordagem assumida é a da linha sociocultural, oposta ao cognitivismo universalista, de substrato biológico. Dentro desse parâmetro, portanto, a cognição constitui-se um “fenômeno discursivo, situado em contextos históricos e sociais” (BICHOSBERER, 2002, p. 167 *apud* PAVEAU, 2013, p. 10). A cognição sai da perspectiva de “localização na cabeça dos indivíduos”, para se tornar “um fenômeno social e distribuído, emergindo em condições sociais e culturais contingentes”.

O pré-discurso, portanto, é proposto enquanto “determinações pré-linguísticas, no sentido de dados anteriores à formulação da linguagem, de ordem perceptiva e representacional, mas pré-figuradas pela dimensão linguística e sobre as quais se apoiam os mecanismos de produção linguageira” (PAVEAU, 2013, p. 12).

A proposta tem por objetivo acionar a caixa-preta das informações prévias que alimentam os discursos e, sobretudo, acerca do ponto de articulação entre esses dados anteriores e as produções verbais, a partir da hipótese de que pré-discurso e discurso estão sob os princípios da cognição distribuída:

Os pré-discursos são efetivamente operadores à negociação, da partilha, da transmissão e da circulação dos sentidos nos grupos sociais [...]um conjunto de quadros pré-discursivos coletivos que têm um papel instrucional para a produção e a interpretação do sentido no discurso [...] os conteúdos semânticos (no sentido mais amplo do cultural, ideológico e enciclopédico), isto é, saberes e práticas [...] (PAVEAU, 2013, p. 12).

Segundo a autora, esses quadros não se encontram somente na cabeça dos indivíduos e na cultura dos grupos, mas são distribuídos nos contextos materiais da produção discursiva, o que justifica a classificação dos saberes e crenças como sendo da ordem do representacional.

Quando as cenas validam os agulhões: uma proposta de análise

A partir dos conceitos apresentados, procederei à análise da propaganda VIVER É UMA ENTREGA (2020), da empresa Ifood. A propaganda é desenvolvida por meio de relatos de dois jovens, um branco e um negro, em lados opostos de uma mesa, os quais contam sobre um encontro inesperado em meio à pandemia:



Figura 4: CAMPANHA VIVER É UMA ENTREGA-AMIZADE/IFOOD (2020)

Jovem Branco: Encontrar uma alegria é impressionante no meio desse caos.
Jovem Negro: Tava lá cozinhando, né? De repente a campanha tocou.
Jovem Branco: Toquei a campanha, fazer a retirada do pedido, saiu um rapaz mascarado.
Jovem Negro: Acredito que na hora quando eu falei: qual o número do pedido?
Jovem Branco: Reconheci pela voz.
Jovem Negro: Thiago?
Jovem Branco: Meu amigo de infância.
Jovem Negro: Aí me emocionei, meu brother!
Jovem Branco: 15 anos sem vê-lo.
Jovem Negro: Eu no restaurante.
Jovem Branco: E eu, fazendo entrega. Agora eu vou lá todo o dia.
Jovem Negro: Faz o pedido e leva o almoço ainda na cortesia.

Os relatos desenvolvidos por um jovem negro e um jovem branco acerca do encontro inesperado em meio à pandemia da Covid-19, amigos perdidos no tempo, mote da empresa especializada em entrega de alimentos, sugere lugares distintos para o dono do restaurante e o entregador. A trajetória discursiva do sujeito negro, na maioria das vezes, ligada a trabalhos domésticos e pouco valorizados é desconstruída durante o relato pela nova realidade social, também marcada na propaganda pela indicação por escrito das ocupações dos personagens: Thiago (jovem branco) — entregador e Tom (jovem negro) — dono de restaurante. À medida que os relatos se desenvolvem, o consumidor é estabelecido como coenunciador e convidado a participar da contação da história de vida desses dois jovens. As marcas deixadas pela história conhecida sobre os negros e sua relação com o trabalho, evocam uma cenografia óbvia: o branco é privilegiado e o preto é desvalorizado profissionalmente. No entanto, as falas iniciais e o tempo de diálogo capturam esse consumidor, em cenas que validam modelos iniciais, até que as indicações de profissão apareçam, para trazer a instabilidade identitária necessária a um desfecho, por meio do conflito regrado no interior do interdiscurso. Desse modo, a cenografia, isto é, o lugar com o qual o coenunciador terá contato com os discursos que emergem de forma regulada do interdiscurso, produz a fusão de diversas cenas que são validadas por estarem instaladas na memória coletiva do brasileiro: a cena do negro que cozinha, a cena do preto mascarado e, portanto, marginal, a cena do empresário branco e bem-sucedido. Os enunciados “cozinhando” e “rapaz mascarado” reforçam esse modo de enunciar que traz imagens de lampejo do passado e se confundem com os novos lugares de

trabalho ocupados pelo negro no presente. Essa é a indissociabilidade do Mesmo e seu Outro. A maneira regulada como os discursos se formam em oposição, demarcando identidades diferentes.

O discurso novo aparece, se constitui, sempre em relação ao seu Outro. Em um posicionamento diferente, o negro deixa de ser subalterno para ocupar o lugar de empresário, numa cena que se valida ao final da propaganda, como um presente para o coenunciador em tempos sombrios, promovendo a sobreposição de identidades, como se a sombra do passado ainda marcasse, como decalque, o novo lugar ocupado pelo negro em suas atividades laborais.

Há de se notar, no entanto, a presença constante desse “reinvestimento do estereótipo do negro subalterno e marginal, pois, apesar da ascensão social do negro, essas marcas continuam ali, no medo do preto mascarado, ainda que fosse por ocasião de uma situação emergencial, uma pandemia, ou na presença do preto na cozinha, não porque fosse subalterno, mas porque o momento exigira o esvaziamento dos locais de trabalho e o empresário negro precisou dar continuidade ao seu negócio, agora cozinhando. Nesse conflito regrado, as identidades deixam mostrar suas fronteiras e, mediante essa relação de embate no interior do interdiscurso, as diversas cenas sobre o negro são validadas ao considerar os efeitos pré-discursivos que são apresentados enquanto operadores na negociação, transmissão e compartilhamento dos sentidos nos grupos sociais. Esse conceito explica as “correntes instrucionais” que encaminham o negro mascarado que se protege na pandemia, a emergir numa cena que o valida como marginal, pois dentro de um grupo, os pré-discursos interferem tanto na produção quanto na interpretação dos sentidos no/pelo discurso. Assim, diante da natureza representacional desses orientadores discursivos inscritos no desdobramento da história, laços de memória são estabelecidos difundindo “quadros de saberes, de crenças e de práticas que não estão disponíveis apenas no espírito dos indivíduos” (PAVEAU, 2007, p. 318), mas encontram-se marcados na coletividade, mediante a imaterialidade de sua natureza.

Os rastros dos discursos e os ecos nas cenografias: ensaios de um momento conclusivo

À guisa de conclusão, finalizo esta análise com uma reflexão que retoma à pergunta inicial que dá título a este artigo: o que as cenografias [ainda] nos mostram? Mostram, de acordo

com Maingueneau (2005), que as identidades não são fechadas em envelopes. Elas surgem desse confronto regulado de discursos, que se formam no interdiscurso e são capturadas pelos coenunciadores através das cenografias, espaço que mostra esse conflito regrado nas propagandas.

As cenografias também conseguem guardar as cenas validadas que põem em uso os estereótipos e arquétipos do negro, disponíveis nos pré-discursos, quadros de crenças e saberes que se acoplam ao linguístico e circulam, dando a impressão de que, apesar de toda ascensão conquistada pelo negro, as cenografias ainda mostram a sombra do Outro, aquele discurso que ainda habita na grade de sentidos no/pelo discurso.

REFERÊNCIAS

BASTIDE, Roger e FERNANDES, Florestan. *Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo*. São Paulo: Anhembi, 1955.

BASTIDE, Roger e FERNANDES, Florestan. *Negros e brancos em São Paulo*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.

BASTOS, Elide Rugai. *Um debate sobre a questão do negro no Brasil*. Revista São Paulo em Perspectiva, p. 20-26, abr./jun.1988.

LIMA, Ari. A legitimação do intelectual negro no meio acadêmico brasileiro: negação de inferioridade, confronto ou assimilação intelectual?. *Afro-Ásia*, n. 25-26, p. 281-312, 2001.

LIMA, Marcus; VALA, Jorge. Racismo e democracia racial no Brasil. *In: Percursos da Investigação em Psicologia Social e Organizacional*. Lisboa: Colibri, 2004.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicações*. São Paulo: Cortez, 2001.

MAINGUENEAU, D. *Gênese dos discursos*. Curitiba: Criar Edições, 2005.

MAINGUENEAU, D. *Cenas da enunciação*. POSSENTI, S.; SOUZA-E-SILVA, M. C. P. (orgs.). Curitiba: Criar Edições, 2006.

MUSSALIM, Fernanda. A noção de competência (inter)discursiva como articulador teórico entre fenômenos de ordem ideológica (interdiscurso) e cognitiva (pré-discurso). *Estudos da Língua(gem)*. Vitória da Conquista, v. 18, n. 3, p. 141-151, set./nov. 2020.

PAVEAU, Marie-Anne. Memória, desmemória e a-memória: quando o discursos volta-se para o seu passado. *EIDeA – Revista Eletrônica de Estudos Linguísticos e Argumentativos, Ilhéus*, n. 5, p. 137–161, dez. 2013.

PAVEAU, Marie-Anne. Palavras anteriores. Os pré-discursos entre memória e cognição. *Revista Filologia e Linguística Portuguesa*, n. 9, p. 311–331, 2007.

PAVEAU, Marie-Anna. *Os pré-discursos: sentido, memória e cognição*. Campinas-SP: Pontes Editores, 2013.